

entrevista +

CUIDE DO SEU DINHEIRO

PAG 03

ZERO \$ DINHEIR,00

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC • FLORIANÓPOLIS, NOVEMBRO DE 2006 • ANO XXII • NÚMERO 3 • ESPECIAL DINHEIRO

Trocados

MÚSICOS ACUSAM RÁDIOS LOCAIS DE FAZER JABÁ

Cultura • PAG 07

TIRE A ROUPA NA WEB, GANHE ATÉ R\$1,6 MIL AO MÊS

Tecnologia • PAG 07



JOGADOR PERDE ATÉ R\$900/H EM CAÇA-NÍQUEL

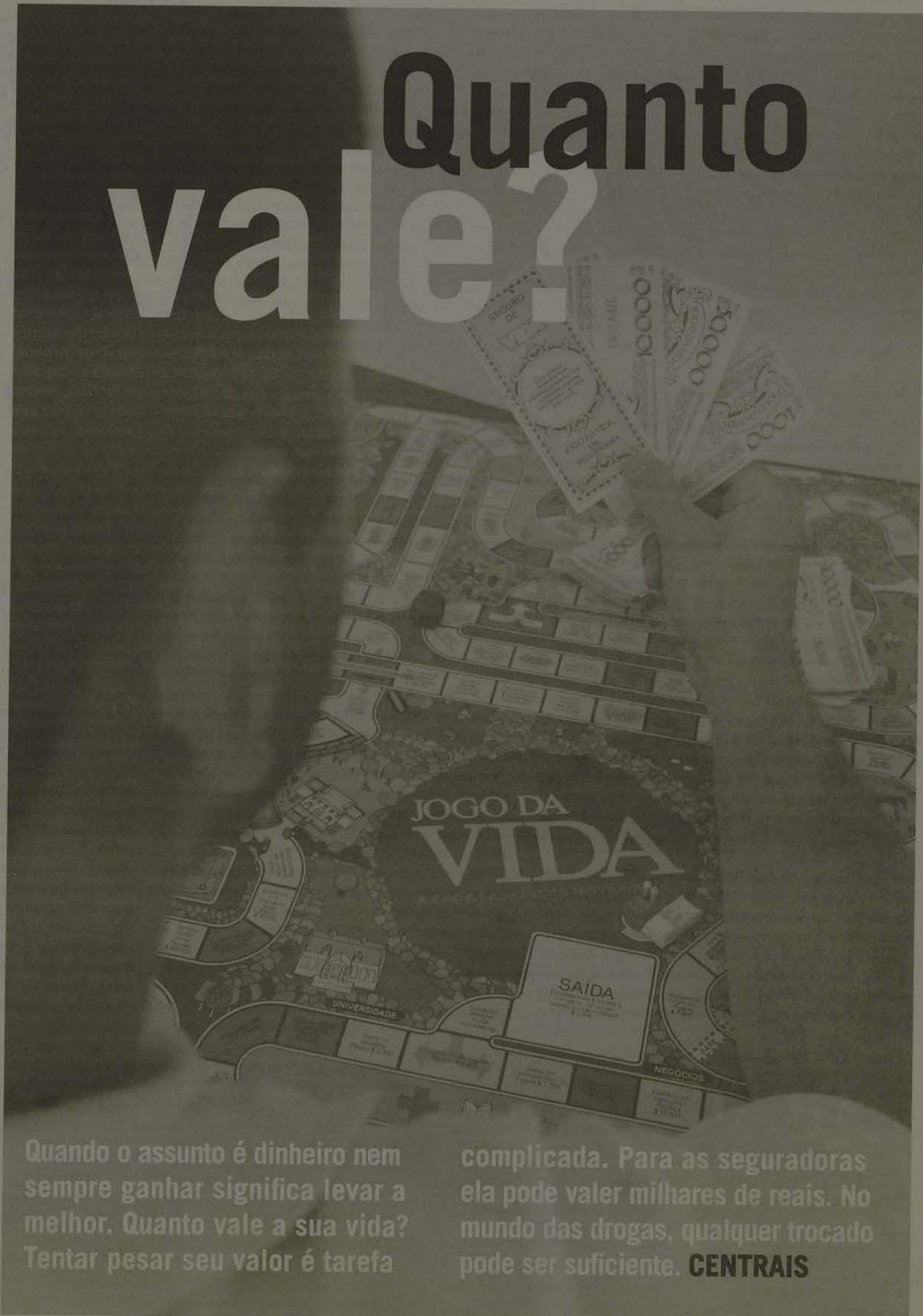
Saúde • PAG 13



TV POR PLANTA DE CASA. QUER TROCAR?

Comportamento • PAG 05

Quanto vale?



Quando o assunto é dinheiro nem sempre ganhar significa levar a melhor. Quanto vale a sua vida? Tentar pesar seu valor é tarefa

complicada. Para as seguradoras ela pode valer milhares de reais. No mundo das drogas, qualquer trocado pode ser suficiente. **CENTRAIS**

Carta ao Leitor

FREDERICO CARVALHO
Professor Coordenador

Horas mal dormidas, dias inteiros na frente do computador e alguma discussão para chegar em um consenso. Eis o preço que toda equipe do Zero pagou para levar até você este novo número. Não que estejamos contando vantagem sobre nossos esforços, mas quando o assunto é dinheiro, é interessante deixar tudo às claras. O papel moeda é o centro das atenções e o responsável pela alegria ou tristeza alheia, semeando esperança ou discórdia. Desde crianças, com o tabuleiro montado na sala, brincávamos de acumular riquezas ou sofrer com as agruras cotidianas, sonhando vencer o "Jogo da Vida".

Em nossa matéria de capa, o lastro monetário é a vida

humana. Para alguns, não tem preço; mas, para empresas seguradoras, a idade é um ótimo começo para quantificar o retorno que a morte de um ente querido pode dar àqueles que ficam. Legalmente todos têm valor, basta consultar o corretor mais próximo. Agora, se você tem problemas com cálculos, que tal negociar no mercado negro? Você pode valer de R\$ 300 a um tênis.

Mudando de saco pra mala (de dinheiro, claro), dar a vida a alguém também é capital de giro. Na matéria sobre inseminação artificial, abordamos os custos de botar alguém no mundo e sustentá-lo, decisão custosa. Para isso nada melhor que saber administrar nossos

ganhos, assunto esclarecido no bate-papo com o professor de finanças pessoais da Universidade Federal de Santa Catarina Jurandir Macedo.

Neste número é assim: se pautas fosse moeda, estaríamos todos ricos. Mesmo quem dá um jeitinho pra não botar a mão no bolso acha assunto em nossas páginas. Caso seu negócio seja participar de grupos de troca, um dos poucos lugares onde as verdinhas, rosinhas, creminhas e outras mais (eita dinheiro colorido) não tem vez, que tal trocar uns minutos do seu tempo por uma leitura agradável do jornal laboratório da UFSC? Aproveite que está com o Zero do mês nas mãos. Pra começar não custa nada.

CHARGE



erramos

Na matéria "Privacidade zero em quartos compartilhados" a pesquisa do Laboratório de Estudos dos Transtornos do Humor (LETH) foi realizada entre 2000 e 2003 com 900 pacientes internados no HU com doenças físicas. Na mesma matéria, Letícia Maria Furlanetto é coordenadora do LETH e não do Departamento de Clínica Médica.

DINHEIRO: uma convenção social

JOSÉ ROGÉRIO SANSON

Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina

A pessoa que ganha uma loteria como a Mega Sena é considerada uma felizarda pela quantidade de dinheiro que recebe. Contudo, uma pilha de papel impresso ou um punhado de moedas têm valor intrínseco muito baixo. Não é como uma hora de trabalho ou um quilo de alimento. Qual é o segredo dessas notas e moedas e porque as pessoas tanto as desejam?

O dinheiro é, de fato, uma convenção social, assim como dirigir pelo lado direito de uma rua. Representa um direito de propriedade sobre bens e serviços produzidos por outras pessoas de uma mesma sociedade. São certificados de propriedade genéricos, ao não especificarem a que bens uma pessoa tem direito e nem definirem quem são essas pessoas. É uma variante de um certificado de propriedade como o

de uma motocicleta ou de um carro; nesses casos, porém, sabe-se quem é o dono e qual é o objeto do certificado. Desde suas primeiras formas, o dinheiro está associado à convenção social de se reconhecer a propriedade individual de objetos pessoais.

Uma sociedade sem dinheiro é possível, desde que se tenha um sistema de registros das trocas de bens e serviços entre as pessoas. Sociedades assim, embora com comando central público, já existiram, como o caso de cidades-Estado do Crescente Fértil e do antigo Egito. Nas Américas, em período mais recente, houve o Império Inca. Mas a evolução do dinheiro a partir do Crescente Fértil viabilizou as primeiras economias de mercado e se tornou a forma institucional dominante para a divisão social de trabalho no mundo.

Quando uma pessoa deseja trocar um bem que possui por algo que precisa, basta encontrar alguém que esteja disposto a comprar aquilo que ela tem para vender. Ao receber o pagamento em dinheiro, pode procurar com calma os bens que precisa. Pode até alugar esses certificados para uso posterior em troca de um aluguel, chamado de juros. Às vezes, por conta da evolução dos preços dos bens a serem comprados no futuro, os juros efetivos podem se tornar negativos. Mas reconhecido o direito de propriedade, a pessoa sabe que poderá dispor deles no futuro. Nada impede também que a pessoa transfira voluntariamente os certificados para outras pessoas de forma gratuita, direta ou indiretamente, no último caso via pagamento de impostos.

ZERO

ESPECIAL DINHEIRO

Curso de Jornalismo da UFSC
Florianópolis, Novembro de 2006
Ano XXII • Número 2

REDAÇÃO DO JORNAL

Curso de Jornalismo
UFSC-CCE-JOR
Trindade - Florianópolis, SC
CEP 88040-900

EDIÇÃO

Dirceu Getúlio Cunha • Jacy Diello
Marina Gazzoni • Tiago Agostini
Vitor Hugo Brandalise

REPORTAGEM

Augusto Koëch • Caroline Mazzonetto
Daiane Fagundes • Edlena Barros
Érica Georgino • Euclides Garcia
Felipe Seffrin • Jéssica Maia
Leo Branco • Luana Rech • Paola Bello
Raquel dos Santos • Rosalvo Streit Jr.
Sara Uhelski • Stenio Andrade
Tatiana Leme

ILUSTRAÇÃO

Aurino Neto • Frederico Carvalho
João Jair Romão • Rafael Machado
Roberta Ávila • Tadeu Sposito

EDITORAÇÃO

Daniele Martins • Rafael Paulo
Roberta Ávila • Ticiani Aguiar

FOTOGRAFIA

Edlena Barros • Érica Georgino
Felipe Seffrin • Henrique Silveira
João Grandó • Lucas Sampaio

MONITORIA

Lucas Amorim

PROFESSOR COORDENADOR

Frederico Carvalho

INFORMAÇÕES

IMPRESSÃO: Diário Catarinense
CIRCULAÇÃO: Nacional
DISTRIBUIÇÃO: Gratuita
TIRAGEM: 5.000 exemplares

TELEFONES

+55 (48) 3331.6599 • 3331.9490
3331.9215 • FAX: 331.9490

NA INTERNET

SITE: www.zero.ufsc.br
EMAIL: zero@cce.ufsc.br

★★★★★

Melhor Peça Gráfica
I, II, III, IV e XI
Set Universitário / PUC-RS
1988, 89, 90, 91, 92 e 98

★

3º melhor
Jornal-laboratório do Brasil
EXPOCOM 1994

★

Melhor Jornal-laboratório
I Premio Foca
Sind. dos Jornalistas de SC, 2000

legislação

+

Criminalização do jabá em discussão

Está em andamento na Câmara Federal, o Projeto de Lei 1048/2003 do deputado Fernando Ferro (PT-PE), que pretende proibir e punir criminalmente quem aceitar jabá para executar ou privilegiar determinada música ou artista. Por ser uma concessão pública, as rádios não podem vender o espaço da sua programação musical.

Se o projeto for aprovado (atualmente, está na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania), a prática direta e indireta do jabá passa a ser considerada crime, punível com pena de um a dois anos de detenção. Além disso, também há a aplicação de multas e suspensão ou cassação da concessão das rádios envolvidas.

Para escrever o texto do projeto, o deputado teve auxílio de um antigo conhecido das gravadoras, o cantor Lobão. Depois da vitória na luta pela numeração de CDs, o músico briga também pelo fim do jabá.

Em entrevista ao Jornal do Brasil, Lobão diz que para a lei funcionar, tem que acabar com as fontes de caixa 2 das gravadoras. Uma delas é a isenção de 40% (já foi de 70%) de ICMS para o investimento em artistas nacionais. "Queremos que o governo corte a isenção das gravadoras, porque o que elas fazem é pagar jabá com essa grana", reclama.

Músicas caras, sem nenhum valor

Essa é a regra nas rádios: aquele que tem dinheiro toca; quem tem qualidade, nem sempre

LUANA RECH

Quando você liga o rádio, espera ouvir uma música interessante? Ou pelo menos escutar algo novo, que não seja aquele som que, de tanto tocar, você canta mesmo sem querer? Se a resposta for sim; por enquanto, esqueça. Isso porque quem determina a programação das rádios é o famoso jabá.

A palavra jabá é um diminutivo de "jabaculê", gíria que significa gorjeta ou propina, uma espécie de suborno pago para obtenção de vantagens. Ou seja, é o pagamento em dinheiro ou mesmo em favores para a execução de músicas nas rádios, feito principalmente pelas grandes gravadoras. Entre as vantagens oferecidas incluem-se passagens aéreas, automóveis, viagens internacionais com estadias pagas e até drogas e garotas de programa. E o pior é que grande parte desse jabá é legalizado e tem nota fiscal, passando como verba publicitária.

Em entrevista à revista Playboy, o dono da rádio Jovem Pan, Antonio Augusto Amaral de Carvalho Filho, conhecido como Tutinha, afirmou que realmente cobra jabá, apesar de chamar de acordo comercial. Nesta entrevista, ele revela seu método de escolha dos músicos que tocam na emissora. "Recebo 30 artistas novos por dia na rádio. Seleciono dez, vou à gravadora e, para aquela que me dá alguma vantagem, dou preferência".

Com filiais no mundo inteiro e também no Brasil, as multinacionais padronizam a programação com seus sucessos, fechando as portas para diversos talentos. Essa prática de pagar-para-tocar favorece quem tem estrutura financeira e prejudica novos artistas, que não possuem, como retaguarda, um grande esquema.

O que acontece em Florianópolis não é diferente do restante do País. Como a maioria das rádios sintonizadas aqui são afiliadas, se limitam a reproduzir a programação, não abrindo espaço para novidades, como músicos locais. É o caso de emissoras como a Jovem Pan Floripa.

Para Júlia Rosa, da banda Missiva, e Márcio Costa, da Tijuquera, o padrão comercial que é exigido para as músicas restringe o acesso dos artistas que não se enquadram nesse perfil. "Muitas bandas levam seus CDs às rádios, mas eles sequer são ouvidos", afirma Júlia.

Já a rádio Atlântida possui programação local e é conhecida por tocar música



VOCALISTA Renato de Oliveira: troca de favores entre bandas e emissoras de rádio

de catarinenses, mesmo que com pouca frequência. Mas nem por isso escapa das reclamações de troca de favores. Renato de Oliveira, integrante da banda Imaginarios e que já fez parte da Mary Black, diz que apesar de não cobrar dinheiro, a rádio tocava as músicas em troca de apresentações gratuitas em seus eventos. "Não era falado claramente, mas eles diziam: vocês não vão fazer o show? Pensem bem...", diz. Procuradas pelo ZERO, as rádios Atlântida e Jovem Pan Floripa não se pronunciaram até o fechamento desta edição.

Uma rádio considerada de

qualidade por não tocar músicas comerciais é a Itapema. Segundo o coordenador artístico Pedro Leite, não existe jabá na emissora, pois todos os CDs reproduzidos são comprados pela própria rádio.

Quanto a investir em músicos locais, ele diz que foi a primeira rádio que tocou músicas da banda Dazaranha e, por muito tempo, trabalhos da Primavera nos Dentes e Brasil Papaya, todas de Floripa. Mas, de acordo com Pedro Leite, não dá pra ser paternalista só porque a banda é daqui. "Só toco se tiver qualidade e se enquadrar no perfil da Itapema", afirma.

Bandas de Floripa procuram caminhos alternativos

Em busca de mais espaço para divulgar seu trabalho e mostrar suas composições ao público, os músicos estão traçando caminhos alternativos e bem mais baratos para driblar o jabá e não depender somente das rádios. Em Florianópolis, nove bandas resolveram se juntar e montar uma espécie de festival, que acontece quinzenalmente e já está na sétima edição: o Clube da Luta.

A idéia partiu do vocalista da banda Tijuquera, Márcio Costa, e as apresentações que começaram em setembro, contam com a participação,

além da Tijuquera, das bandas Samambaia, Missiva, Gubas & Os Possíveis Budas, Os Berbigão, Aerocirco, Andrey & A Baba do Dragão de Komodo, Rufus e Ilha de Nós.

Para o vocalista, esse é o lugar onde o som "mané" é valorizado e a repercussão, garantida. "O público é maior a cada Clube", ressalta. E para as outras bandas que tiverem interesse em participar, ele dá um aviso: as músicas têm que ser todas próprias. "Nada de cover, senão o público vai".

Além de eventos como o Clube da Luta, as bandas

utilizam outras formas de divulgação. Uma delas e, talvez a de maior alcance, é a internet. No site da Trama Virtual (um braço da gravadora Trama), onde os músicos podem fazer homepages personalizadas, disponibilizando histórico, agenda, fotos e músicas, estão cadastrados 33.850 artistas, entre bandas e cantores ou músicos solos, sendo 1450 de Santa Catarina. Márcio Costa, da Tijuquera, diz que é através dos sites que possuem que a banda está fazendo contatos para tocar na Europa. O site

Orkut e os fotologs também são utilizados. O integrante da banda Imaginarios, Renato de Oliveira, conta que para divulgar lançamento de CD e shows, chegou a deixar 250 comentários por dia nessas páginas.

Para Júlia Rosa, da Missiva, os bons e velhos shows em praças, universidades, festas de comunidades e escolas não falam para quem quer mostrar a cara e atingir diversos tipos de públicos. "É claro que tudo tem um custo. Mas, fazer sua música ser ouvida e o público gostar, paga o preço!". (LR)



TIJUQUEIRA Vocalista juntou nove bandas e formou o Clube da Luta

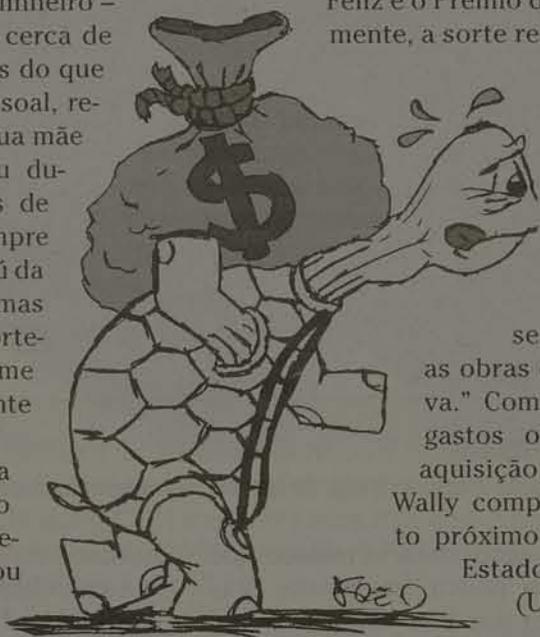
Sorte bate à porta após 40 anos de espera

Senhora de Joinville ganha prêmio de R\$ 85 mil em sorteio da TV, realiza o sonho da mãe e ainda continua jogando

EUCLIDES GARCIA

Dona Wally Liebl é uma senhora de 70 anos que tinha um grande sonho na vida. Tinha, não porque desistiu de alcançá-lo, mas porque já conseguiu realizá-lo. Em 27 de agosto, ela ganhou o prêmio principal do plano de sorteios Casa Feliz: uma casa, um carro e R\$ 15 mil em dinheiro – valor total de cerca de R\$ 85 mil. Mais do que um sonho pessoal, realizou o que sua mãe não conseguiu durante 92 anos de vida. “Ela sempre comprou o Baú da Felicidade, mas nunca foi sorteada. Hoje, me sinto totalmente realizada.”

Em 2005, a arrecadação das Loterias Federais chegou a R\$ 4,3 bi-



lhões, colocando o Brasil em 22º lugar no ranking dos países que mais arrecadam anualmente com loterias. Dona Wally tem participação nessa quantia bilionária. Seguindo o exemplo da mãe, compra o carnê do Baú há 40 anos. Mesmo sem nunca ter ganhado prêmio algum, continuou acreditando e passou a comprar também a Casa Feliz e o Prêmio do Rei. Até que, finalmente, a sorte resolveu aparecer.

Há vários anos, ela pensava em reformar a casa em Joinville, mas apenas a aposentadoria do marido não era o suficiente. “Sem esse prêmio, seria impossível fazer as obras que a gente precisava.” Com R\$ 40 mil a serem gastos obrigatoriamente na aquisição de um imóvel, dona Wally comprou um apartamento próximo à Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) para alugar a

estudantes universitários. Como não é aposentada, o dinheiro do aluguel será uma espécie de aposentadoria. “Assim vou poder viver um pouco melhor o fim da vida.”

Dona Wally sempre preencheu os cupons no nome dos netos, mas resolveu fazer diferente naquela vez. Ela mesma comprou o carnê por R\$ 10 e colocou um no nome do marido, seu Lino Liebl, e o outro no próprio nome. No momento do sorteio, estava em frente à televisão torcendo para que aquele fosse o seu dia de sorte. Realmente foi. “Fiquei muito feliz. A vizinha me telefonou na hora. O pessoal da Casa Feliz tentava ligar aqui em casa, mas o telefone só dava ocupado.”

Essa foi a primeira vez que dona Wally foi premiada em um sorteio. Mesmo já tendo tirado a sorte grande, não pensa em parar de comprar os carnês. O que ela espera é que o raio caia duas vezes no mesmo lugar. “Continuo acreditando que posso ganhar outra vez. Se conseguir, quero ajudar quem precisa.”

o que fazer com o prêmio

1. Divida a bolada pelo número de anos que espera viver. Por prudência, gaste anualmente apenas um valor aproximado do resultado dessa divisão.
2. Não aplique o dinheiro em cadernetas de poupança, imóveis ou títulos do governo. No Brasil, em longo prazo, eles mal garantem o valor original investido.
3. Aplique uma parte da grana em negócios ou ações. Mas repare bem: aplique *uma parte*, pois negócios dão trabalho e envolvem o risco de se perder todo o dinheiro aplicado e mais um pouco.

Como ninguém é de ferro, é natural que uma parte do prêmio seja usada para realizar sonhos de consumo e de caridade. Mas, antes, é aconselhável seguir as dicas acima.

FONTE: João Rogério Sanson – Departamento de Economia da UFSC.

Matemático ganha mais de 3 mil vezes e dá a fórmula

Fernandópolis, São Paulo. Um dos 65 mil habitantes da cidadezinha do interior vem se tornando famoso nos últimos anos por fazer previsões para as loterias. Alexandre Carlos, 50, desenvolveu um sistema chamado Loteria Fácil, que, através de raciocínios matemáticos, promete aumentar as chances dos apostadores de ganhar prêmios. Para seu autor, ao menos, o método parece funcionar: Ale-

xandre Carlos já ganhou 3.750 vezes na Lotofácil.

Em seu site na internet, ele dá dicas que garantem aumentar as chances da pessoa ter sucesso. Numa recente entrevista ao jornal Folha de S. Paulo, explicou que, como os sorteios são consecutivos, é possível perceber qual dezena está mais “atrasada”. Já que todas têm a mesma chance de saírem, a probabilidade é maior para aquela

dezena que não aparece há mais tempo nos sorteios. “Apesar de que loteria não tem lógica. Cada sorteio é um sorteio. Tudo que ocorreu no passado não influencia na loteria no futuro. É uma probabilidade”, disse.

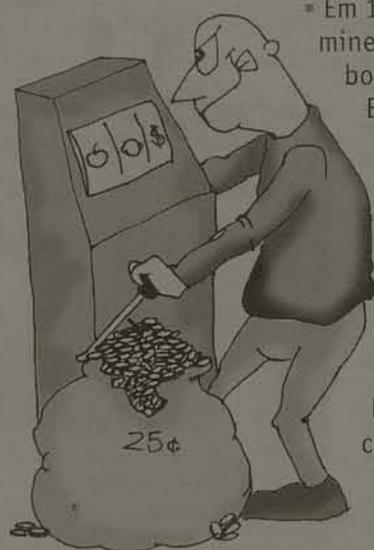
Desde 1982, quando começou o projeto, Alexandre é o que nos Estados Unidos costuma-se chamar de matemático de loterias. Além das 3.750 apostas vencedoras, ele já ajudou joga-

dores de diversos estados do país a ganhar na Mega-Sena, Quina e Lotomania. A Mega-Sena, por exemplo, é a Loteria Federal que dá os maiores prêmios. Justamente por isso, é a mais difícil de ter um vencedor. Um apostador precisaria preencher mais de 50 milhões de volantes para ter a certeza de que acertaria qualquer conjunto de seis dezenas sorteado.

O matemático das loterias

disse à Folha que é possível escolher seis números aleatoriamente e ter a sorte de ganhar. Mas, toda semana, são feitas 8 milhões de apostas e, em média, a cada quatro sorteios sai um ganhador. São necessárias, portanto, 32 milhões de apostas na Mega-Sena para uma ganhar. Por isso, Alexandre não tem dúvidas ao afirmar em seu site que “depende apenas da sorte não é um bom negócio”. (EG)

ganhei na loto!

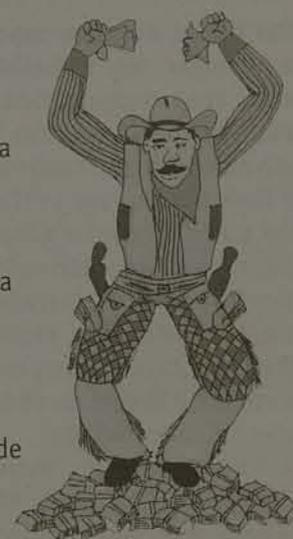


- Em 1984, um despachante mineiro faturou uma bolada na Loteria Esportiva. O prêmio equivalia a 90 salários mínimos na época. Jogador compulsivo, perdeu tudo em apenas sete dias, apostando em jogo do bicho, loterias e máquinas caça-níqueis. Além do prêmio, ficou sem a moto, o carro, dois telefones e dois lotes.

- Em Passo Fundo (RS), o dono de uma serralheria ganhou o equivalente a 800 mil reais e utilizou o dinheiro para aumentar o negócio. Amante de futebol, assumiu a presidência de um time da cidade. Gastou quase todo o prêmio investindo no esporte e teve de ficar apenas com a serralheria.

- Na cidade de Santa Maria (RS), um peão ganhou 7 milhões de reais na Super Sena, em dezembro de 1995. Juntamente com o prêmio, vieram inúmeros pedidos de empréstimos e diversas propostas de casamento. O peão rompeu com os velhos amigos, comprou uma fazenda grande e nunca se casou.

- Gerente de uma casa lotérica, o carioca Maurício Boyd sempre foi um apostador aficionado. A insistência deu resultado e ele ganhou três vezes nas loterias o equivalente a 100 mil reais. Comprou a lotérica que gerenciava e ainda abriu outra loja. Até hoje, muitos apostadores apertam a mão de Maurício antes de preencher os volantes, em busca de um pouco de sorte.



Baixo número de adeptos prejudica escambo na Ilha

As feiras de troca estão em baixa na Grande Florianópolis. A principal da cidade, a feira do Clube de Trocas de Bens, Produtos, Serviços e Saberes Ecosol ocorre apenas uma vez por mês – no auge do movimento, o evento era semanal. A segunda maior, do Clube de Trocas Peri, do bairro da Armação, foi suspensa há dois meses por tempo indeterminado.

Primeiro clube de trocas criado em Santa Catarina, em setembro de 2000, e terceiro do país, o Ecosol possui cerca de 120 sócios. Mas nas últimas feiras, o número de participantes tem variado entre vinte e trinta pessoas. Professor da UFSC e um dos idealizadores do evento, Armando Lisboa aponta a saturação dos escambos como uma das razões para o baixo movimento. “Acabam se esgotando as possibilidades de troca porque são sempre as mesmas pessoas, os mesmos produtos”, justifica.

A falta de opções também foi um dos motivos para a suspensão da feira do Clube de Trocas Peri. Nos últimos encontros compareciam menos de dez pessoas, sendo que a associação chegara a ter cem adeptos em seu auge. A tecelã Erika Sagae, sócia do Peri desde 2002, aponta ainda outra razão para a queda do movimento: a falta de um animador. “Se não tem alguém organizando atividades, trazendo novidades, não tem gestão própria”, afirma.

Número ideal

Nem muitos sócios, nem muito poucos. De acordo com Lisboa, experiências internacionais demonstram que grupos de troca devem ter, no máximo, 250 membros. Como o sistema dos clubes se baseia na confiança e no conhecimento mútuo entre os participantes, um número reduzido de pessoas é fundamental para fortalecer a moeda usada na organização e dar respaldo às trocas.

Para participar das feiras de troca do Ecosol, é necessário ser um proconsumidor – simultaneamente produtor e consumidor. A entrada no clube ocorre depois que o interessado formaliza a adesão aos princípios do Ecosol e preenche um cadastro. As feiras são realizadas mensalmente no Centro Federal de Educação Tecnológica, na avenida Mauro Ramos. (CM)

Quando o dinheiro não vale nada

Praticantes da Economia Solidária trocam de tudo: de televisões a plantas de casas

CAROLINE MAZZONETTO

Parece brincadeira de criança, de trocar papel de carta ou figurinha de futebol. Cada um traz o que tem sobrando em casa e procura entre os objetos dos amigos algo que lhe interesse. As opções vão de comida a aulas particulares, passando por roupas, livros e discos usados. O dinheiro, ali, não tem vez: são as feiras de troca, onde as pessoas permutam bens e serviços sem usar nenhum real.

A tecelã Erika Sagae, participante do Clube de Trocas Peri, é adepta das feiras desde 2002, quando veio de São Paulo para morar na praia da Armação, no Sul da Ilha. Já trocou aulas de tear por aulas de inglês e de computação e sessões de terapia. Erika conta que, em apenas um dia de feira, economizou R\$ 300 – levando em conta a matéria-prima usada nos produtos de tecelagem feitos por ela e o preço que pagaria pelos artigos adquiridos na feira se os tivesse comprado no mercado formal. “Sempre fiz trocas naturalmente, com vizinhos, amigos. Quando cheguei aqui, percebi que havia uma organização e comecei a participar”, explica.

As feiras de troca são pautadas pelos princípios da economia solidária (veja box) e vinculadas a clubes de troca. Nelas, cada um escolhe sua forma de pagamento. O Clube de Trocas Ecosol – o mais tradicional de Florianópolis – realiza trocas diretas, de preferência através de escambo (produto por produto), mas possui uma moeda social própria, o “ecosol”, que auxilia nas transações. “Tem vezes em que você não encontra o que quer, daí troca seu produto por ecosóis e guarda eles pra usar na feira seguinte”, completa Glaico Sell, produtor rural e um dos primeiros participantes do Ecosol.



NOSTALGIA Glaico Sell vê as feiras como um retorno ao passado, quando o dinheiro valia menos

Depois de oito anos como funcionário da Companhia Integrada de Desenvolvimento de Santa Catarina, Sell largou o emprego e foi trabalhar com produtos orgânicos em um sítio em Paulo Lopes, na Grande Florianópolis. É de lá que vêm as verduras, legumes, frutas, temperos, ervas medicinais, flores, iogurtes, compotas e biscoitos que o agricultor usa nas trocas. “O bom das feiras é a satisfação de não precisar usar dinheiro, voltar para o passado, quando a mercadoria tinha mais valor”, explica Sell, que usa o sistema de trocas no dia-a-dia, e não só durante as feiras. Através do escambo, já adquiriu uma televisão, instrumentos agrícolas como uma socadeira e uma despoldadeira, a planta da casa da filha, os móveis e, mais recentemente, uma máquina digital que custaria R\$ 300. Apesar de a maioria dos participantes dos clubes de troca

saírem com lucro dos encontros, o principal atrativo das feiras é a socialização dos membros. Os grupos são pequenos e formados por amigos – pois o sistema das trocas se baseia na confiança – e as feiras acabam virando festa, com música e dança. “Tem um caráter social, de integração; as pessoas gostam de se encontrar”, afirma Erika Sagae.

Doutor em Sociologia Econômica e professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Armando Lisboa foi o principal responsável pela criação do Ecosol. Ele conta que o perfil do sócio dos clubes de trocas de Florianópolis é diversificado: há desde milionários a pessoas pobres. A grande maioria, porém, pertence à classe média – são funcionários públicos, professores, estudantes, aposentados, artesãos... “Aqui dá de tudo”, completa Lisboa.



FESTA Maior atração das feiras não é o lucro, mas a confraternização entres os participantes

Economia Solidária



Outro modo de pensar a riqueza

A Secretaria Nacional de Economia Solidária, criada no Governo Lula e vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego, define a prática como “o conjunto de atividades econômicas – de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito – organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores (...), sob a forma coletiva e autogestionária”. Vista como alternativa ao capitalismo tradicional, a Economia Solidária é uma forma de se obter os artigos necessários para viver sem buscar a acumulação de riquezas e respeitando a vida e o meio ambiente. Em Santa Catarina existem 431 empreendimentos registrados de economia solidária – 2,9% do total nacional. Em Florianópolis há dezessete.

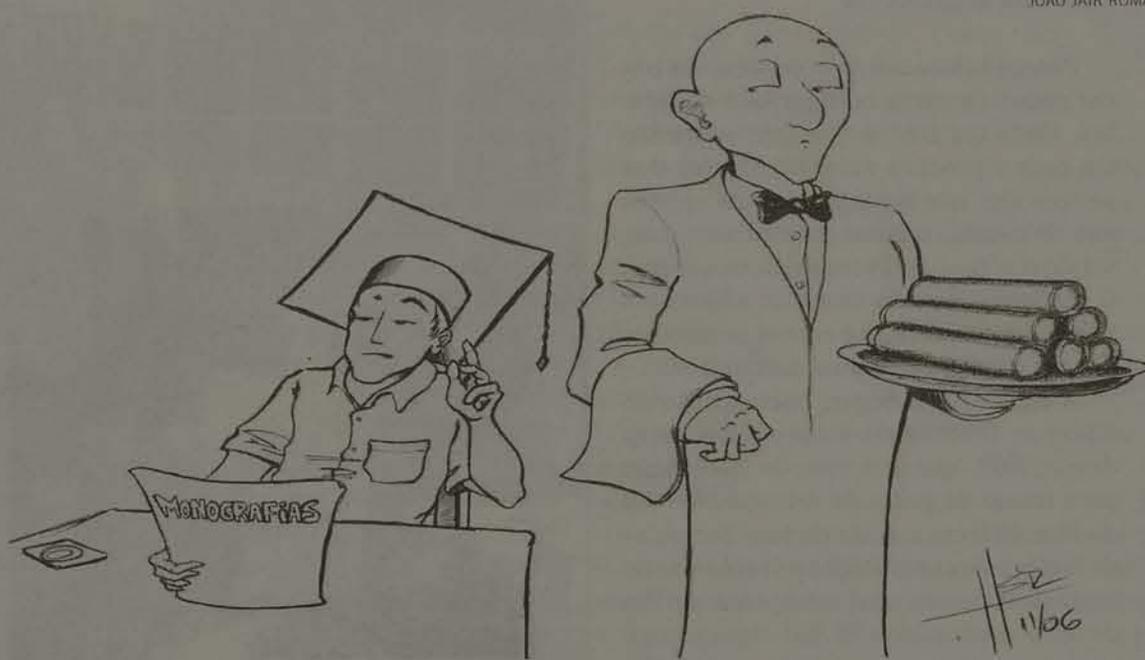
Empresas faturam às custas de preguiçosos

Dedicação e trabalho duro, que nada: indústria das monografias seduz estudantes com tentação do diploma fácil

EDLENA BARROS

Ao final da faculdade, o estudante se vê com a tarefa de escrever seu trabalho de conclusão de curso (TCC). É trabalho duro, que demanda tempo e esforço do aluno. Há quem decida fazê-lo. Há, também, quem prefira recorrer a meios mais fáceis: o de contratar alguém que faça o trabalho por ele. Empenhadas em conquistar os preguiçosos, algumas empresas tornaram-se especialistas em oferecer, mediante o pagamento de determinado valor, a monografia pronta. É a indústria dos trabalhos acadêmicos.

A estudante Carolina (*), 22, do segundo semestre de Pedagogia de uma universidade paulista, escreve trabalhos acadêmicos para outras pessoas há sete anos. Tudo começou em um pequeno escritório especializado, onde, logo aos 15 anos, aprendeu a dar seus primeiros passos no trabalho. Como ganhava pouco, abandonou o escritório e continuou por conta própria. Aos poucos, conseguiu mais clientes e aumentou o seu negócio. Hoje ela distribui cartões de propa-



JOÃO JAIR ROMÃO

disse que “não têm o intuito de parafrasear textos e muito menos de plagiar conteúdos de sites e livros, nem de ferir a ética educacional”.

Para o diretor do Departamento de Propriedade Intelectual da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Luiz Otávio Pimentel, a ética educacional é ferida, sim. “A monografia serve de avaliação do aluno no final do curso, e ele pagando para que alguém faça está cometendo crime de falsidade ideológica segundo a lei 9610/98 - Art. 104, apresentando como seu algo que não fez”. A UFSC não tem uma lei específica, nem um código de ética dentro da universidade para esses casos.

O coordenador de estágio do curso de Ciências Econômicas da UFSC, Renato Francisco Libarbenchan, afirma que, enquanto o aluno escreve a monografia, ele é submetido a avaliações para comprovar seu entendimento quanto ao tema do trabalho. “Assim dá para ter mais certeza de que o aluno está fazendo seu trabalho”, comenta.

ganda do seu trabalho na porta de faculdades. Até hoje, nunca teve problemas.

Uma busca simples na internet dá a dimensão de como a indústria de trabalhos acadêmicos sob encomenda é lucrativa. Os preços variam de R\$ 400 à R\$ 1,2 mil. Carolina prefere não divulgar quanto cobra por cada trabalho, dizendo apenas que o preço é estipulado pelo número de páginas que contém cada pedido. “Recebo o suficiente para

pagar as despesas no final do mês”, esquivava-se. Além de monografias, Carolina faz resenhas, fichamentos e resumos, para clientes de graduação e pós-graduação.

Nos sites especializados, os alunos podem encomendar ou pagar por trabalhos já prontos. É quase como em um restaurante, aonde o cliente chega e pede o que quer. Quando alguém procura o site, mas não tem idéia do assunto, os profissionais dão sugestões de te-

mas dentro da área de atuação do estudante. Para auxiliar na tarefa, alguns sites, inclusive, anunciam equipes formadas por professores universitários, mestres e doutores.

Ao solicitar a um site especializado uma monografia de conclusão de curso de graduação em Jornalismo, com 80 páginas dentro das regras da ABNT, a empresa enviou o preço final (R\$ 928) e diversas formas de pagamento. Também na resposta, a empresa

* nome fictício

Alto preço das particulares mostra que vale a pena estudar para o vestibular

O sonho da maioria das pessoas que acaba o ensino médio é passar no vestibular e cursar uma universidade. Quando não conseguem entrar para universidades públicas, os alunos deparam-se com o alto custo das faculdades privadas. As diferenças entre ensino público e privado começam com as mensalidades, que podem chegar a

EDLENA BARROS



UFSC Economia de R\$ 14 mil para a estudante Nair Epalanga

R\$ 2,7 mil em Florianópolis.

A estudante de Psicologia da Unisul Sharon Threiss, 23, veio do interior do estado para cursar a universidade na capital. “Sei que não gastaria tanto assim na Federal, mas como não consegui Psicologia lá, tive que ser aqui mesmo”, conta. Dos R\$ 2,5 mil que recebe dos pais todos os meses, Sharon gasta R\$ 700 na mensalidade. Além disso, ela paga R\$ 500 no aluguel da casa, R\$ 300 para a gasolina do carro e aproximadamente R\$ 20 por mês em cópias.

Já a aluna de Farmácia da UFSC Nair Analdina Epalanga, 23, gasta por mês, ao todo, cerca de R\$ 950, pouco mais do que paga a outra estudante somente na mensalidade. As contas mensais de Nair podem aumentar ou diminuir dependendo dos trabalhos solicitados pelos professores.

Neste semestre, por exemplo, ela já gastou R\$ 310 na compra de dois livros, R\$ 300 por mês para a alimentação, R\$ 45 em transporte e R\$ 32 em cópias. Tudo descontado dos R\$ 1,8 mil que recebe dos pais a cada mês. Mesmo com a economia na mensalidade, Nair considera seus gastos excessivos. “Até agora não tinha parado para fazer essas contas, mas, vendo assim, gasto bastante por mês”, diz.

Fazendo uma projeção anual sobre os gastos informados pelas estudantes, percebe-se o quanto economizam os alunos de universidades públicas. Em um ano de aulas, Sharon e Nair, universidade privada e pública, gastam em torno de R\$ 22,5 mil e R\$ 8,5 mil, respectivamente. Diferença de R\$ 14 mil anuais, alívio considerável no bolso do estudante. (EB)

Pesquisa de preços

Universidade Privada (Unisul-Pedra Branca)

Mensalidade
Varia de R\$ 321 (Serviço Social, Pedagogia e Letras) a R\$ 2753 (Medicina)

Transporte
R\$ 180 a R\$ 240 por mês frete de ônibus, ou passe a R\$ 2,95 por viagem.

Alimentação
De R\$ 11,20 a R\$ 13 por refeição nos restaurantes próximos ao campus

Impressão de trabalhos
R\$ 0,30 para PB e R\$ 1,50 para cor

Fotocópias
R\$ 0,10 por página

Universidade Pública (UFSC)

Mensalidade
Não há

Transporte
R\$ 45,00 por mês no passe de estudante ou passagem a R\$ 2,10 por viagem.

Alimentação
Restaurante universitário: R\$ 1,50 a refeição

Impressão de trabalhos
R\$ 0,15 para PB e R\$ 0,30 para cor

Fotocópias
R\$ 0,07 por página

Pelados na webcam a US\$ 2,15 o minuto

Sensualidade e desinibição, armas para prender atenção de estrangeiros e faturar alto com strip-tease na internet

SARA UHELSKI

O anúncio no jornal oferecia vagas para atendentes de internet. Para a entrevista no escritório da empresa, uma sala luxuosa no centro de Florianópolis, apareceram cerca de 30 interessados e, coletivamente, a contratante foi logo explicando do que se tratava o emprego. Continuaram no local apenas cinco pessoas, entre elas Jeff*, que, ao contrário da maioria, já sabia qual era o tipo de serviço. A função recebe o nome, em inglês, de *chathostess*. Em outras palavras, alguém que ganha dinheiro para tirar a roupa durante uma conversa pela internet. Jeff aceitou o trabalho por alguns meses, e enfrentou dificuldades por ser homem e heterossexual. "Há bastante procura por bate-papos gays. Algumas vezes tentava fingir, mas quando os clientes pedem certo tipo de exibição não tem como enganá-los".

Quase um ano depois a sociedade do antigo escritório se desfez. Hoje, Jeff não faz mais strip-teases e é um dos gerentes da empresa, em parceria com uma *chathostess* americana. Um dos motivos que o levou a desistir das exibições foi a disseminação de programas que capturam a tela da conversa, permitindo a divulgação pela rede em forma de imagem. Essa é a única maneira de gravar alguma coisa no sistema, já que as conversas e fotos não podem ser salvas. Em busca de discrição, grande parte das *chathostess* brasileiras não interagem com usuários brasileiros, bloqueando IPs nacionais (O IP – protocolo de internet – é uma espécie de endereço digital, código que identifica de que lugar o computador está conectado à internet).

O portal

A empresa de Jeff presta serviço a um site americano que "hospeda" homens e mulheres



de diferentes países. Só tem acesso ao conteúdo privado quem preenche um cadastro e fornece o número do cartão de crédito. O preço mínimo: US\$2,15 por minuto de conversa. Os novatos ficam em média trinta minutos com cada cliente, e os mais experientes chegam a passar de uma hora. Todos recebem treinamento para agradar o internauta sem ser muito rápido. A meta diária de cada *chathostess* é de US\$100. Metade desse dinheiro fica com o empregado.

Cada uma das nove meninas que trabalham atualmente na empresa fatura, por semana, uma média de R\$200 a R\$ 400. "É um dinheiro fácil, mesmo que você só consiga uns R\$50 reais por semana.

Ficar numa sala conversando com pessoas que te chamam de gostosa é ótimo pra auto-estima de qualquer um", comenta Jeff. Além

do dinheiro, quem participa do negócio ainda aprende inglês conversando com os usuários. "O inglês mais sujo possível", brinca.

Jeff gasta R\$350 de aluguel mais a mensalidade da internet de alta velocidade. A matriz americana paga os serviços da empresa de Florianópolis com cheques emitidos por um banco americano. "Montar um negócio sozinho aqui no Brasil, mesmo que todas as meninas trabalhassem em casa, seria muito difícil. Os cheques iam demorar pra cair e a burocracia com a documentação brasileira seria muito grande".

Perguntado se o fato de ser um strip virtual desinibe as *chathostess*, Jeff fala por experiência própria: "Eu não faria ao vivo. Na frente do computador encarava como uma atuação. Enfrentei preconceito de amigos que achavam que eu estava denegrindo o meu corpo, mas não tem nada a ver".

* nomes fictícios

Paulistano cria site inovador aos 15 anos. Hoje é sócio do pai

Passar grande parte do dia conectado à internet faz parte da rotina de muitos garotos de classe média com 15 anos. Em 2001, enquanto a maioria dos amigos preferia gastar o tempo *online* jogando, fazendo amigos e namoradas virtuais, ou visitando sites não apropriados para a idade, o paulistano Bruno Yoshimura decidiu fazer diferente: criou o Link Grátis, uma lista de endereços *online* selecionados e classificados individualmente, organizados por categorias.

Hoje, com 20 anos, Bruno não é sustentado por seu pai, e sim sócio dele. A renda, que prefere não revelar, vem de comissões de vendas do site de compras Mercado Livre e do anúncio de links patrocinados do Google AdSense (o programa de anúncios do gigante Google). Para ter uma idéia do sucesso, o Link Grátis já movimentou mais de R\$ 1 milhão em vendas no Mercado Livre este ano.

Bruno mantém uma rotina pesada: estuda o terceiro ano de Ciências da Computação na Universidade de São Paulo (USP) pela manhã, trabalha das 13h às 18h30 na empresa de desenvolvimento web e sistemas financeiros que montou com o pai, e ainda cumpre duas horas de estágio na *David Rockefeller Center for Latin American Studies*, a instituição da Harvard no Brasil. No fim da noite, costuma trabalhar no Link Grátis até 2h ou 3h da madrugada, dependendo do cansaço.

Apesar do sucesso, Bruno sabe que não é toda idéia que dá certo na rede. "A internet é uma forma de gerar dinheiro, mas, ao ver histórias de sucesso, algumas pessoas pensam que é fácil. Ganhar dinheiro não é fácil em nenhum lugar. A diferença da internet é que ela não tem preconceitos com idade, raça ou classe social. Qualquer um pode criar um site e fazer dele uma fonte de renda". (SU)



ARQUIVO PESSOAL
NEGÓCIO Link Grátis já movimentou R\$ 1 milhão em vendas em 2006

A promessa: grandes lucros com poucas horas de trabalho diário

"Quer conquistar independência financeira? Fique rico trabalhando duas horas por dia em casa!" Convites desse tipo lotam caixas de e-mail, páginas na internet e recados em sites de relacionamento. São anúncios de empresas de Marketing Multinível (MMN), febre na Europa e nos Estados Unidos que agora se prolifera no Brasil.

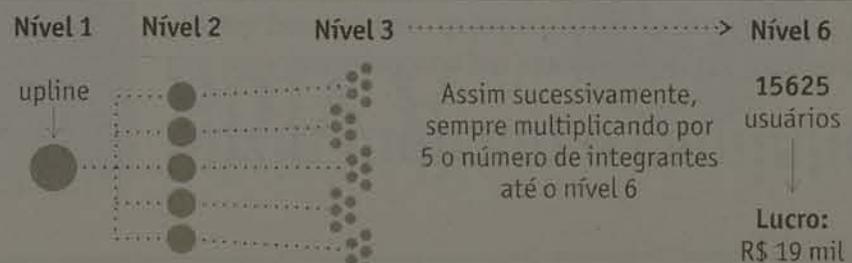
Para participar, você se associa e compra os produtos vendidos pela empresa, pagando R\$ 10 por mês. Depois, tem como meta recrutar novos associados, que também devem chamar outras pessoas, formando a cadeia. As empresas garantem que não fazem correntes, são todas registradas, sérias e éticas.

Ueritom Ribeiro Borges participa de empresas de MMN desde 2003 e, há dois

meses, ingressou na Universidade do Sucesso Humano (USH). Nesse tempo, conseguiu recrutar apenas um associado. "Esse sistema não é daqueles 'ganhe dinheiro fácil', você precisa ter persistência." Ueritom passa cerca de 2 horas por dia na internet, divulgando o negócio em fóruns de discussões e sites de classificados virtuais.

A rede possui seis níveis. Cada um comporta cinco usuários indicados por um membro do nível anterior. No primeiro, o associado recebe R\$2 por cada novo indicado, ou seja, só deixa de pagar mensalidade quando recrutar cinco pessoas. Para os outros níveis, o valor é R\$1 por novo usuário. A rede completa envolve 15625 pessoas, um lucro de R\$ 19 mil para quem a começou. (SU)

sistema da USH



O jogo da vida na ponta do lápis

Planejamento familiar é a garantia de estabilidade oferecida pelas apólices de seguros de vida

AUGUSTO KÖECH

Nas páginas do Zero, o dinheiro mostrou-se capaz de gerar vida, transformá-la e até mesmo acabar com ela. Mulheres que investem em inseminação artificial, sortudos que ganham na loteria e jovens que se envolvem no tráfico de drogas são alguns exemplos de como o dinheiro pode interferir no dia-a-dia e no destino das pessoas. Existe um caso, entretanto, em que o dinheiro é investido por aquele que certamente não desfrutará de seus benefícios. Com os seguros de vida, ganham os que ainda fazem parte do jogo.

Benefício Inesperado

A.V., estudante de 20 anos que mora em Florianópolis, recebeu esse tipo de benefício. No dia 10 de agosto de 2006, A.V. estava no cursinho quando recebeu a notícia do falecimento do pai, vítima de um infarto fulminante. "Foi uma surpresa até para os médicos. Ele tinha problemas de diabetes, e não de coração. Já estava debilitado com a doença e um Acidente Vascular Cerebral o impedia de andar, mas ninguém esperava que isso fosse acontecer", conta.

Com a morte do pai, ela, a mãe e outros três irmãos passaram a admi-

nistrar toda a receita da família. Tarefa nada fácil, quando descobriram uma crise financeira que o pai escondia desde 2003. "Quando meu pai foi internado com uma úlcera no duodeno, descobrimos que ele não pagava todos os seguros. Precisava optar por pagar nossa escola ou os seguros, e preferiu investir na educação", explica.

Eram, a princípio, três seguros de R\$ 100 mil cada e outro de R\$ 30 mil, que, com a morte do pai de A.V., se resumiram a apenas este último. Hoje, a família recebe mensalmente cerca de R\$ 7 mil pela previdência privada, R\$ 2 mil pelo INSS e mais R\$ 7 mil por um acordo do banco onde o pai trabalhava. Além disso, tem gratuidade de cinco anos em consultas, exames e tratamentos odontológicos pelo convênio de saúde. Quanto aos gastos com a manu-

tenção do túmulo do pai, um seguro funeral cobre todo o condomínio no Cemitério Jardim da Paz.

Para ela, embora a situação financeira da família tenha de fato melhorado com o recebimento dos seguros, administrar a situação não foi fácil. "É estranho lidar com dinheiro quando se perde alguém da família. Tivemos a sorte de não entrar em conflito. Uma das minhas irmãs até já abriu mão de tudo o que lhe é direito com o seguro de vida da minha mãe. Apesar dos seguros, a vida do meu pai não tem preço", desabafa.

Valor da Vida

Mas afinal, a vida de uma pessoa pode mesmo ser calculada em cédulas monetárias? Quanto vale nossa vida? Para Fabiana Suene Vicentin, consultora comercial de uma seguradora de Florianópolis, a vida é imensurável. "Não temos como avaliar ou estimar o valor de uma vida, por isso os seguros consideram o valor que a própria pessoa estima deixar no caso de sua



VIDA A. V.: "Apesar dos seguros, a vida do meu pai não tem preço", desabafa

falta, para seus beneficiários. Os cálculos levam em consideração a idade do segurado", explica.

Além disso, de acordo com a consultora, não há diferença no custo entre homens e mulheres. "Hoje existem seguros específicos e cada vez mais voltados para as necessidades de cada público, como cobertura para diagnóstico de câncer de mama, por exemplo. A

variação de preço está no tipo de produto, conforme os benefícios oferecidos".

Segundo Vicentin, a idade mínima para contratação de um seguro de vida é 16 anos, e os oferecidos pela empresa onde trabalha podem variar de R\$ 10 mil a R\$ 300 mil, salvo em morte acidental, quando o valor pode ser até dobrado. Esses valores

incluem desde seguros mais simples, com cobertura acidental de morte ou invalidez, até os mais completos, que incluem cônjuge, cobertura para doenças graves e auxílio funeral. "Quando há inadimplência, entretanto, é dado um prazo de 90 dias para ser regulamentado o pagamento. Passado o período, a apólice é cancelada", explica.

compre seu seguro

Quer pagar quanto?

Seguro de Vida Individual Ordinário: A seguradora paga prêmios anuais ao segurado enquanto ele viver.

Seguro de Vida Individual de Pagamentos Limitados: Os prêmios são pagos durante um período determinado no contrato, e após a morte do segurado, seu beneficiário recebe a indenização.

Seguro de Vida Individual Total: Os prêmios são pagos apenas anualmente, durante um período estipulado no contrato, ao fim do qual a indenização será paga ao próprio segurado ou ao beneficiário.

Seguro de Vida em Grupo: Contrato de um ano (renovável), feito por uma pessoa. Numa única apólice são garantidas várias outras, unidas por interesses comuns e que mantenham relações com o responsável pela apólice. É geralmente feito por empresas. Podem ser agregadas coberturas adicionais, como invalidez permanente e indenizações múltiplas para caso de morte decorrente de acidentes.

Coberturas Especiais: São seguros específicos para determinadas situações, por mais estranhas que elas possam parecer, como seguro das mãos de um pianista ou o bumbum de uma dançarina de axé.

Seguro de Acidentes Pessoais: Oferece duas coberturas básicas: morte e invalidez permanente e, duas adicionais: despesas médico-hospitalares e diárias de incapacidade temporária. Todas as coberturas são decorrentes de acidentes sofridos pelo segurado.

Búzio indicam o caminho

Esta nos Classicados de um jornal: Pai Ricardo de Xapana, para "solução de todos os tipos de problemas". Uma consulta aos 12 orxás, invocados pelos búzios, custa R\$ 35. Tal qual o jogador do jogo da Vida, o pai de santo começa lançando os dados. Se há algum nó na vida, Pai Ricardo afirma que os búzios há de informar. Também avisam se for necessária a realização de trabalhos, que às vezes envolvem velas, aves, cabritos – as chamadas nacumbas. Existem para o bem e para o mal. Pai Ricardo só trabalha para o bem.

Para mostrar o quanto o custo pode variar, ele explica que "pode ser R\$10 ou R\$ 10 mil". E neste intervalo que está o preço para a reviravolta na vida de uma pessoa.

On pode custar mais ainda. Sem saber precisar qual foi o trabalho que mais lhe rendeu nestes 33 anos de vocação, diz que no último ano um único custou cerca de R\$ 30 mil ao cliente. Durou cinco meses e os detalhes são sigilosos.

Pai Ricardo conta que há casos em que a pessoa insiste, quer que estipule um valor, mas os orxás não apontam solução. E, por exemplo, uma doença sem cura ou relacionamento sem enganar a pessoa? Quando realiza o trabalho, é porque vai acompanhar o problema e ver o desfecho feliz.



ARQUIVO PESSOAL

MUDANÇA João (à esquerda) antes de ser preso e se recuperar do vício da cocaína

avavelmente algum atravessador regional, e cobre de Santa Catarina, 50 gramas podem custar R\$50, R\$100 ou até R\$120, se a droga for de boa qualidade.

O delegado explica que "a vida do valor de sua dívida", através da sucessão de re-passes, um cigarro de maconha de 1.500 quilos de maconha, chega por R\$5 ao estudante e não consegue dar usuário Antônio. Ele explica que normalmente a maconha que chega no estado – o consumo –, ainda pode haver variação de preços. Dependendo da qualidade da maconha, da demanda e da oferta, nas bocas que ele conhece na cidade, a demanda é alta e o preço sobe. Quando a oferta é abundante, o preço cai.

O delegado Cláudio Monteiro em Santa Catarina. "Não temos como avaliar ou estimar o valor de uma vida, por isso os seguros consideram o valor que a própria pessoa estima deixar no caso de sua morte", explica.

João sabe que o morto onde mora é apenas um dentre os pontos de tráfico em Florianópolis, mas mesmo assim prefere não falar. Tanto outros detalhes e nem enumerar quantas vezes esteve preso ou internado em clínicas, mas lamenta que na época teve fama de ladrão no morto em que morava. Os parentes trançavam por como o do Marquinho, da Caixa, são áreas que demonstram grandes diferenças de preço. Depois, passaram a visitá-lo na Penitenciária de Itaipava. Depois, passaram a visitá-lo na Penitenciária de Itaipava.

Vida em promissória

João sabe que o morto onde mora é apenas um dentre os pontos de tráfico em Florianópolis, mas mesmo assim prefere não falar. Tanto outros detalhes e nem enumerar quantas vezes esteve preso ou internado em clínicas, mas lamenta que na época teve fama de ladrão no morto em que morava. Os parentes trançavam por como o do Marquinho, da Caixa, são áreas que demonstram grandes diferenças de preço. Depois, passaram a visitá-lo na Penitenciária de Itaipava. Depois, passaram a visitá-lo na Penitenciária de Itaipava.

Conheça a história de João, ex-viciado, que já foi olheiro de traficante e internado

mercadoria acabasse, faziam uma varquinha e compravam mais. Se mais uma vez acabasse, o jeito era fazer pequenos furtos em lojas ou roubar carros. Nunca assassinou ou traficou, mas no seu currículo consta o serviço de olheiro para traficantes. Ficava observando, de determinado ponto do morto, algumas recadas, diz que há um ano não consegue furtar ou roubar em Florianópolis. Tal como na reta final do jogo da vida, João sempre tinha duas opções: ir para casa ou continuar girando a roleta. Só que a situação há muito tempo já não era uma brincadeira: ele confessava que sua vida valia o quanto carregava no bolso para consumir em drogas.

Quasquer R\$10 o impeliam a coquear R\$ 500 em bebidas e entorpecentes. Um fim de semana de festas podia custar R\$ 500 em bebidas e entorpecentes. Às vezes apenas chegar numa festa de amigos já resolvia o problema. Se a sua vida valia o quanto carregava no bolso para consumir em drogas.

Os tempos mais difíceis foram entre 1998 e 2004. João preferia não contar os detalhes e nem enumerar quantas vezes esteve preso ou internado em clínicas, mas lamenta que na época teve fama de ladrão no morto em que morava. Os parentes trançavam por como o do Marquinho, da Caixa, são áreas que demonstram grandes diferenças de preço. Depois, passaram a visitá-lo na Penitenciária de Itaipava. Depois, passaram a visitá-lo na Penitenciária de Itaipava.

A vida em jogo no fim da conta

Conheça a história de João, ex-viciado, que já foi olheiro de traficante e internado

mercadoria acabasse, faziam uma varquinha e compravam mais. Se mais uma vez acabasse, o jeito era fazer pequenos furtos em lojas ou roubar carros. Nunca assassinou ou traficou, mas no seu currículo consta o serviço de olheiro para traficantes. Ficava observando, de determinado ponto do morto, algumas recadas, diz que há um ano não consegue furtar ou roubar em Florianópolis. Tal como na reta final do jogo da vida, João sempre tinha duas opções: ir para casa ou continuar girando a roleta. Só que a situação há muito tempo já não era uma brincadeira: ele confessava que sua vida valia o quanto carregava no bolso para consumir em drogas.

Quasquer R\$10 o impeliam a coquear R\$ 500 em bebidas e entorpecentes. Um fim de semana de festas podia custar R\$ 500 em bebidas e entorpecentes. Às vezes apenas chegar numa festa de amigos já resolvia o problema. Se a sua vida valia o quanto carregava no bolso para consumir em drogas.

R\$ 15 mil é o preço de uma gestação

Para as que fazem inseminação o mais esperado do mês não é o dia do salário, e sim o 14º do ciclo menstrual

JÉSSICA MAIA

Um dos ensinamentos mais antigos e disseminados sobre a Terra está no Velho Testamento: "Crescei e multiplicai-vos". O que parece uma etapa da vida tão natural para a maioria das pessoas, para outras é um martírio cujo fim se apóia na medicina. De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), a infertilidade aflige 14% das mulheres em idade fértil (de 15 a 49 anos) no país. Paula (*), 36 anos, faz parte dessa estatística.

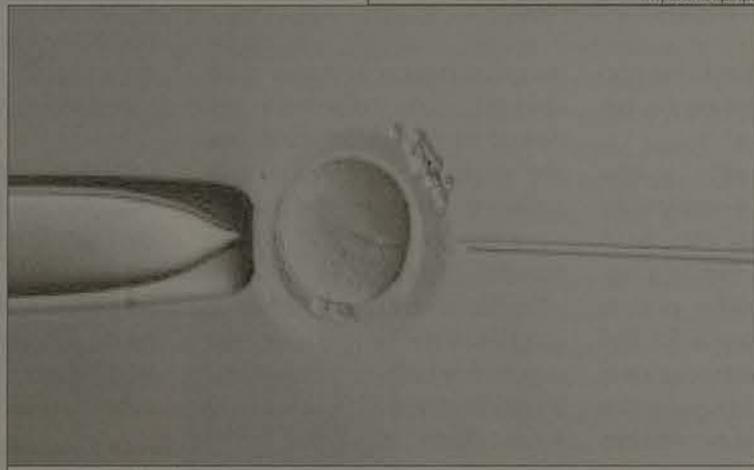
Sua saga começou quando, em 2001, sua primeira gravidez natural falhou por uma obstrução tubária. Cerca de um ano após o aborto, percebeu que não conseguia engravidar do "modo comum" e resolveu investigar. Cada médico consultado apontava um problema e um tipo de caminho a ser seguido. Foram sete consultas, sendo cada uma de R\$ 300 aproximadamente. "Até para a acupuntura eu apelei,

mas não obtive sucesso. Não para o meu caso", conta Paula. Cada sessão chega a custar R\$ 80, sendo recomendadas de 8 a 10 sessões.

Além das aplicações desnecessárias, vários dos exames pedidos por alguns médicos foram inúteis para encontrar o diagnóstico exato para o seu problema. "O que mais me revoltou foi ter de fazer histerossalpingografia, que não serviu para nada. Se fosse para apontar um tipo de torção, seria esse exame", relata. Esse "palavrão" é um raio-x de contraste das trompas uterinas que custa entre R\$ 180 e R\$ 400.

Foram cinco anos de desgaste emocional. Em 2004, Paula fez uma inseminação ar-

tificial que lhe custou R\$ 1.500 e mais uma decepção. No início de 2006, os médicos aconselharam a Fertilização In Vitro (FIV), no qual retiram-se os óvulos da paciente e os fertilizam com os espermatozoides (do marido ou de um doador) em labora-



FERTILIZAÇÃO Óvulo é inseminado artificialmente em laboratório

tório. Quando o pré-embrião está formando ele é transferido para o útero novamente. Em março, ela começou o tratamento. O preço foi dos

mais baixos: R\$ 14 mil para a primeira tentativa, incluindo os medicamentos, a coleta dos óvulos e o congelamento dos embriões não utilizados. Como a primeira fertilização não obteve resultado, Paula fez um acordo com a clínica: para as outras tentativas, paga R\$ 3 mil pelo tratamento e mais R\$ 1 mil pelos medicamentos.

Com 41 anos e com as trompas laqueadas, Helena (*) também tenta pela quarta vez engravidar através da FIV. Apesar de morar em Florianópolis, escolheu uma clínica em Curitiba, que ofere-

cia o tratamento por um preço mais acessível do que as duas únicas clínicas de reprodução humana da Ilha (ambas se recusaram a falar sobre os custos com a reportagem). Para a primeira tentativa, Helena pagou R\$ 5.800,00 para a fertilização e mais R\$1 mil nos medicamentos. Como não engravidou, também fez um acordo com a clínica: paga apenas a metade para cada implantação dos óvulos que não obtiverem sucesso.

O obstetra Ricardo Nascimento, membro da Sociedade de Obstetrícia e Ginecologia de Santa Catarina, explica que os preços dos tratamentos variam muito entre as clínicas e muitos dos serviços necessários para o tratamento são cobertos pelo Sistema Único de Saúde, excetuando-se a FIV. "Os custos e formas de pagamento são sempre discutidos com os pacientes", esclarece.

* nomes fictícios

Mamãe, cadê meu irmãozinho?

PAOLA BELLO



Para muitos casais ter um filho representa o elo que completa o matrimônio. Sonhos à parte, o fato é que, no Brasil, o tamanho das famílias está diminuindo. Segundo dados do IBGE, o país está vendo crescer a geração dos filhos únicos. O motivo é simples: as famílias começaram a contabilizar as alegrias que uma criança pode trazer e concluíram que o tempo e dinheiro necessários para a criação estão diminuindo na mesma medida em que sobem os gastos básicos, como saúde e educação.

Segundo a economista Maria Marivani Alt, planejar e fazer uma boa poupança deve ser o primeiro passo antes da paternidade. "Também é necessário que os casais se deem conta de que um filho vai representar, por cerca de 18 anos ou mais, um custo considerável nas finanças da família, se não o maior", explica. Tendo como base uma família de classe média, com renda mensal de R\$ 5 mil, ela desenvolveu o seguinte cálculo:

• Até os 3 anos de vida: desde antes do nascimento até o terceiro aniversário, as despesas de uma criança totalizam cerca de R\$ 26 mil. Os principais gastos concentram-se em saúde, babá ou cre-

che, fraldas e alimentação.

• 4 a 8 anos: as despesas correspondem à alimentação, saúde, creche ou escola, material escolar e transporte. Nesses quatro anos, a criança custa, em média, R\$ 45 mil.

• 9 a 14 anos: alimentação, educação e material escolar continuam na lista de gastos, que aumentam com cursos variados (idiomas e música), esporte, roupas melhores e brinquedos mais sofisticados. Nesse período, os pais desembolsam, em média, R\$ 70 mil.

• 15 a 18 anos: é na adolescência que o preço de um filho fica ainda mais salgado. Nessa fase, as despesas previstas são somadas aos intermináveis troquinhos para festas, celular, excursões, além da roupa de grife, mesada e cursinho. A educação é um dos maiores custos, já que antecede o ingresso na faculdade. Em três anos, os gastos chegam a R\$ 66 mil.

Resultado: R\$ 207 mil. Prova de que é preciso muito planejamento antes de por uma criança no mundo.



Adoção

Felicidade sem preço

Quando as vias biológicas, naturais ou artificiais, não são eficazes para a concepção de uma criança, a adoção se mostra uma alternativa simples e viável. Apesar dos processos demorarem um pouco, as despesas são bem menores se comparadas à inseminação, podendo, inclusive, não ter custo algum.

Segundo o advogado Erasmo José Steiner, a Ordem dos Advogados do Brasil sugere uma tabela de valores para os serviços, diferentes em cada estado. Em Santa Catarina, para qualquer processo de adoção, a OAB sugere o valor de R\$ 2.093,55. "Apesar dos preços sugeridos, os honorários podem variar com a experiência e técnica do profissional. A lei também permite que o processo seja feito diretamente pela parte interessada, sem advogado", explica.

Essa foi a opção do casal Sérgio e Maria Cristina de Souza, de Florianópolis. Há sete meses adotaram Marcos Vinícius, de quatro anos, sem a contratação de um advogado. A família já fazia parte de um programa de convivência e adoção de crianças, o que ajudou. "No primeiro final de semana que Marcos Vinícius passou conosco, nos apaixonamos e entramos com o pedido no fórum. Depois de sete meses, já era nosso filho. Não gastamos nada, mas tivemos que ter paciência, principalmente para concluir o cadastro", comenta Maria Cristina.

Toda pessoa interessada em adotar deve passar por entrevistas e visitas de assistentes sociais, deixar uma série de dados pessoais para avaliação do Juizado da Infância e da Juventude, além de descrever as características que gostaria que a criança tivesse. Segundo dados da Central Estadual Judiciária de Adoção (CEJA), a maioria dos interessados solicita que a criança seja do sexo feminino, branca e com poucos meses de vida. Entretanto, 60% das crianças aptas para adoção no Brasil são meninos afrodescendentes, com idade entre sete e 15 anos. Dado que explica as 159 crianças e os 2250 candidatos que aguardam adoção em Santa Catarina. (PB)

FELIPE SEFFRIN



TRÊS anos de trabalho sem fiscalização na banca onde até criança aposta

Loteria animal, ilegal e escancarada na Capital

Presente em qualquer esquina de Florianópolis, o jogo do bicho continua popular e polêmico. Não há nenhuma fiscalização

FELIPE SEFFRIN

Um animal entre vinte e cinco. Números anotados no papel – em duas vias – e, com um pouco de sorte, R\$ 1 apostado pode render até R\$ 3 mil. Mais antigo que a República, o jogo do bicho movimentava uma quantia inestimável de reais. Faz a fortuna e a falência dos donos das bancas. Emprega milhares de funcionários e atrai outros milhares de apostadores em todo o país. Tudo em qualquer banca de jogo, aos montes pelas ruas, ilegalmente.

Há três anos trabalhando em uma banca de Florianópolis, Márcia (*) conta que antes as apostas totalizavam cerca de R\$ 1 mil por dia. Hoje, o valor caiu para R\$ 400, incluindo o dinheiro dos caça-níqueis. Não há fiscalização. “Nunca veio ninguém aqui pra fechar. Os

policiais vêm é pra jogar – mais nas máquinas do que no bicho. Conheço eles pelo nome”.

Jogo do bicho é contravenção penal (veja box), ato ilícito mais brando que o crime. O chefe do Departamento de Jogos e Diversões da Polícia Civil de Santa Catarina, delegado Arilton Zanelatto, afirma que a polícia prefere focar o combate a crimes graves, como tráfico e homicídios. “Se há denúncias, a polícia atua. Mas por falta de tempo o jogo do bicho é deixado de lado e, infelizmente, é beneficiado.”

Sorte rara

Na banca de Márcia, onde até criança aposta, não há valor estipulado. Pode jogar quanto quiser. Quanto maior a aposta, maior o prêmio. Tem quem jogue todo o salário do mês em um só dia. Márcia não joga. “É raro ganhar. Pra que perder dinheiro?

Vejo tanta gente que perde...”

Valéria Bianca joga todos os dias há oito anos, desde que ganhou R\$ 1.500 na primeira aposta. Gasta no máximo R\$ 35. Às vezes, prefere não dar dinheiro para seu filho comprar balas para poder apostar e, quem sabe, comprar algo melhor. “Ganho dinheiro no bolso e meu filho não ganha cárie!”.

Polícias Civil, Federal e Militar, Prefeitura de Florianópolis e Secretaria de Segurança Pública não têm registros oficiais do jogo do bicho no Estado e na Capital. A identidade dos donos do jogo é desconhecida das autoridades. “Já conheci banqueiros maravilhosos”, conta Valéria. Outro apostador alerta: “é melhor tomar cuidado. Esses banqueiros têm capangas, têm muito dinheiro. E o dinheiro faz coisa.”.

* nome fictício

contravenção penal

Deu zebra! Lei prevê até um ano de prisão

O jogo do bicho começou em 1892, quando o Barão de Drummond criou uma loteria para salvar o Jardim Zoológico do Rio de Janeiro da falência. Rapidamente os pontos de venda se espalharam pela cidade.

No início, Floriano Peixoto tolerou a loteria. Porém, mais tarde o jogo foi classificado como “jogo de azar” e em 1895 o Governo retirou sua licença para funcionamento. Em 1941, Getúlio Vargas assinou a Lei das Contravenções Penais, vigente até hoje, e definiu pena para quem pratica o jogo do bicho:

Art. 58 - Explorar ou realizar a loteria denominada jogo do bicho, ou praticar qualquer ato relativo à sua realização ou exploração;

Pena: prisão simples, de 4 (quatro) meses a 1 (um) ano, e multa.

Parágrafo único: Incorre na pena de multa aquele que participa da loteria, visando a obtenção de prêmio, para si ou para terceiro.

Milhões de reais nada reais nas mãos dos brasileiros

No ano passado, o Banco Central apreendeu 317,4 mil notas e moedas falsas – quantia equivalente a R\$ 11 milhões

STENIO ANDRADE

O jovem André, operador de fotocopiadora, precisava de R\$ 38 para comprar um chambre na loja onde trabalha a garota dos seus sonhos, Sílvia, e impressioná-la. Pegou emprestada uma nota de R\$ 50 e tirou uma fotocópia na máquina de seu trabalho. André gastou a nota falsa na loteria e, com o troco, foi à loja comprar o tal do chambre – e falar com Sílvia, claro. A história do rapaz pobre de Porto Alegre está nas cenas do longa-metragem “O homem que copiava”, de Jorge Furtado. Mas também exemplifica os 90% de casos nos quais o dinheiro é falsificado em máquinas copiadoras.

Se no filme a falsificação do dinheiro é amadora e grosseira, a realidade prova que ela pode ser muito mais profissional. É dor de cabeça frequente de comerciantes, bancos e autoridades que combatem a circulação de moedas ilegais.

Dados do Banco Central (BC) mostram que 30% dos brasileiros já receberam alguma cédula falsa. Entre os comerciantes, o índice sobe para 74%. No ano passado, o BC apreendeu 317,4 mil notas e moedas falsas – o equivalente a R\$ 11 milhões.

Isso contribuiu para que os brasileiros desenvolvessem o hábito de conferir a veracidade do dinheiro. Entre os caixas de estabelecimentos comerciais, 90% costumam verificar as cédulas. Em 80% das vezes são as empresas que assumem o prejuízo. Já na população em geral, apenas 53% tem esse costume.

Mesmo que muitos desconheçam a falsidade das cédulas, acabam surpreendidos quando descobrem. “Ah, eu nem sabia! Essa nota eu recebi de Fulano”, diz Gustavo Pamplona, gerente de uma lotérica do Centro de Florianópolis, reproduzindo a fala dos clientes. No seu estabelecimento, os funcionários têm instruções para verificar se as cédulas são verdadeiras. Manuseiam as notas, olham os itens de segurança e, se preciso, utilizam lupas e canetas detectoras de dinheiro falso. “Faz mais de seis meses que não recebemos notas falsas”.

A falsificação de dinheiro aumentou 365 vezes desde 1994, quando foi criado o Real. O perito da Polícia Federal de Florianópolis, Mauri Paludo, alerta que a tecnologia também facilita o trabalho dos falsificadores. “Os recursos de informática permitem a falsificação caseira, através de fotocópias, scanners e computadores”.

Reconheça uma nota verdadeira

Impressão em alto-relevo

Legenda “Banco Central do Brasil” e valor da nota.

Marca tátil

Sinal em alto-relevo para auxiliar deficientes visuais. Pode ser tarjas diagonais, verticais ou formas ovais.

Imagem latente

Escrito com as letras “B” e “C” visto na altura dos olhos sob luz abundante.

Marca d'água

Imagem visível quando exposta contra a luz.

Registro coincidente

Visto contra a luz, o desenho circular das Armas Nacionais deve se ajustar, nos dois lados da cédula, exatamente na mesma posição.

Numeração

Formada por uma seqüência de letras e números, a numeração não pode ser a mesma em mais de uma cédula.

Fio de segurança

Fio magnético vertical de cor escura embutido nas cédulas de R\$ 10, R\$ 20, R\$ 50 e R\$ 100.



FONTE: Banco Central do Brasil

Depressão e estresse no banco

Metas e responsabilidade em lidar com dinheiro provocam lesões psicológicas em bancários

LEO BRANCO

Até pouco tempo, trabalhar em agência bancária era considerado uma função que pagava altos salários e garantia estabilidade profissional. Pouco se falava de doenças relacionadas às condições de trabalho dos bancários. Essa visão foi abalada por alertas de médicos sobre casos de lesões físicas em funcionários de banco, como a Lesão por Esforço Repetitivo (LER). Agora, eles fazem mais um aviso: cada vez mais bancários sofrem lesões psicológicas como stress e ansiedade, sintomas iniciais de doenças no sistema nervoso, como síndrome do pânico e depressão. As razões são inúmeras, desde a carga de responsabilidade pelo manuseio de elevadas quantias de dinheiro até crescentes pressões por metas de produtividade.

Uma pesquisa da Universidade de Brasília revelou que, de acordo com dados da Previdência Social em 2002, para cada mil bancários, seis deles se afastaram do trabalho por mais de 15 dias consecutivos por lesões psicológicas. Esse

índice é o dobro do registrado entre metalúrgicos e duas vezes e meia maior do que em trabalhadores de indústrias de produtos químicos. Apesar disso, quase a totalidade dos afastamentos de bancários foi classificada pelo INSS como de ordem pessoal. Quando os funcionários são afastados por acidentes de trabalho têm estabilidade de um ano após reinício de suas atividades. “E isso os empregadores procuram evitar ao máximo”, alerta Anadergh Barbosa, coordenadora do estudo.

“Bancários são mais suscetíveis a distúrbios psicológicos porque desenvolvem mais atividades mentais que físicas, com alta carga de responsabilidade”, sugere a psicóloga Lis Soboll, que estuda o tema no doutorado em andamento na área de Medicina do Trabalho. Em entrevistas com 32 bancários de Santa Catarina e Paraná, ela abordou a relação entre o trabalho bancário e a violência psicológica. A discussão trata das metas de produtividade, que Lis considera altas demais para serem cumpridas. “Se elas fossem



HENRIQUE SILVEIRA

PRESSÃO Caixas contam dinheiro até cinco vezes para evitar prejuízo

factiveis, bancários não adoeceriam”, conclui.

Trabalhar no caixa é outra influência para desenvolver lesões mentais, segundo a psicóloga. Além de lutarem contra o tempo para diminuir filas e sob constante ameaça de assaltos, eles são responsáveis pela contabilidade do caixa, correndo o risco de pagar do próprio bolso uma eventual

diferença. Para evitar erros, muitos recorrem a mecanismos mentais de checagem contínua dos valores monetários manuseados. “Tenho colegas que contam cinco vezes as mesmas notas só pra ter certeza de que deram o troco certo”, conta J.R.S., bancário que teve um acidente de carro após sofrer um “apagão” ao volante (veja matéria ao lado).

Bancário apaga ao volante e sofre acidente de carro

J. R. S., de Criciúma, Sul de Santa Catarina, é exemplo de como o ritmo de trabalho em agências bancárias pode gerar lesões psicológicas. Bancário desde 1985, trabalhava no Santander Banespa em julho de 2004 quando sofreu um acidente de carro enquanto viajava para vender ações de seguro a pequenos agricultores da região. Ele teve um “apagão” no volante e só recuperou a memória horas depois no hospital. Médicos ligaram o lapso ao acúmulo de estresse e ansiedade que enfrentava. “Precisava fechar negócios com 10 clientes naquele dia, nem comi direito, só pensava nas metas”, conta.

Para ele, o que teve é algo mais freqüente do que se imagina. “Muitos bancários já tiveram esse ‘apagão’, mas isso não é debatido dentro das empresas”, afirma. Isso porque ter estresse é algo considerado por muitos na categoria como normal no trabalho em bancos.

Quem reclama corre o risco de ser discriminado por colegas. “Diziam que eu usava a doença para não trabalhar”, conta J.R.S., que sofreu depressão após o acidente e ficou de licença médica por um ano e seis meses. (LB)

Dinheiro traz germes e transmite doenças

Quanto mais circulam entre as pessoas, mais sujeira as notas retêm e podem causar dermatite e intoxicação alimentar

RAQUEL PEREIRA

Milhares de reais passando por suas mãos, todos os dias. Parece interessante? Para você pode ser, mas para a bancária Carla Peretti quando põe a mão no dinheiro é sinal de mais seis horas de autocontrole: nada de coçar o olho ou cantinho da boca. Tudo porque ela sabe que por mais honestos que sejam os valores administrados no banco, sempre serão dinheiro sujo. Carla já apresentou sintomas de dermatite alérgica nas mãos causada por microorganismos que povoam as cobiçadas notas de Real. Três meses afastada não foram o suficiente para uma cura completa. Ainda com uma pequena lesão, ela administra pomadas dermatológicas e afirma que, apesar das complicações, só o cheiro forte de notas



HENRIQUE SILVEIRA

CONTAMINAÇÃO Falta de higiene com o dinheiro transmite doenças

velhas e sujas é que a fazem ter nojo. Mesmos motivos despertam o asco da caixa de panificadora Carla Araújo.

Após dez anos manipulando dinheiro no centro comercial de Florianópolis, Carla notou

que, comumente, após fazer as unhas, sua mão começava a ressecar e formar rachaduras, tudo graças ao papel-moeda, roto e maltrapilho. Ao tirar as cutículas, a pele em volta das unhas ficava exposta aos fungos presentes no “troco do pão” que entravam em contato com as áreas sensíveis provocando inflamação. O médico receitou a pomada, mas ela tem dificuldade em lavar as mãos no corre-corre do trabalho. Água e sabão só quando sai para o almoço.

Sujeira impregnada

De acordo com o professor do curso de Farmácia e Bioquímica da Universidade Federal de Santa Catarina Cláudio Sebben, o dinheiro em si não é o culpado pelas complicações dermatológicas. “O que ocorre são síndromes transmissíveis

por fungos e micoses, a alergia se dá em qualquer parte do corpo que entrar em contato com os microorganismos impregnados nas notas”, explica. As cédulas de um e dez reais, que mais circulam na mão do povo, são as sujinhas da família, restando umidade e bolor.

Quando saem às ruas, as notas possuem um verniz que evita o umedecimento e procriação de germes, mas com o uso essa proteção se desgasta e o papel se torna um paraíso para fungos e microorganismos. A forma de armazenar o dinheiro colabora para a contração de doenças. Sebben explica que as classes mais altas guardam as notas na carteira e possuem estrutura adequada de saneamento, enquanto na periferia a população não tem tratamento de esgoto e o cuidado com as cédulas é mí-

nimo. “Algumas mães colocam o dinheiro entre os seios e depois dão de mamar às crianças, ocasionando náuseas, vômitos e diarreias”, exemplifica.

HENRIQUE SILVEIRA



SUJEIRA Notas de R\$1 são as que mais contêm microorganismos

Vício pelo jogo gera dívidas e sofrimento

Sede de vitória e dinheiro fácil provocam prejuízo, problemas psicológicos e familiares para os jogadores patológicos

ROSALVO STREIT JR.

A máquina caça-níquel chegou a consumir de Arnaldo* R\$ 900 por hora. Da rotina de até 12 horas diárias dentro do bingo, hipnotizado pelo jogo, só ficaram lembranças ruins. Desde 2004, quando começou a jogar, o aposentado calcula – além do prejuízo moral e do desgaste familiar – ter adquirido uma dívida de R\$ 50 mil, resultado dos empréstimos para conseguir alimentar o vício.

Arnaldo é um jogador patológico. Não jogava mais por lazer, como na época em que visitava o bingo para se divertir com a esposa. Das cartelas e dos finais de semana animados, conheceu as máquinas caça-níqueis e passou a jogar todos os dias. Resultado: perdeu horas de trabalho, reduziu seu tempo de sono e mentia para a família.

Para a socioterapeuta Sarita Farias, que trata há mais

de 20 anos de pacientes com compulsividade, essa é a fronteira entre a recreação e o vício. “A compulsão prejudica a vida cotidiana. A pessoa não consegue cumprir compromissos em casa e no trabalho”, explica.

Quando o pagamento das despesas da casa começou a atrasar, a esposa de Arnaldo logo desconfiou. A saída que ele encontrou para controlar os gastos foi depositar o fundo de garantia da aposentadoria na conta dela, sem acesso à senha. “Quase perdi minha família”, arrepende-se.

Excitado pelo jogo, o organismo do viciado libera em excesso o hormônio dopamina, ativador do nosso sistema de recompensa. Em seguida, o jogador patológico perde tempo e dinheiro imaginando o que fará com os prêmios conquistados. Mero engano, a vitória não acontece na maioria dos casos e, mesmo quando ganha, o jogador usa o montante

para sanar os prejuízos. “Cheguei a receber R\$ 3 mil da máquina caça-níquel, mas gastei tudo na mesma noite. No final, ela sempre derrota você”, conta Arnaldo.

O viciado não consegue se afastar dos jogos de azar, sente prazer ao desafiar a máquina e se torna dependente dela. “Essa relação entre poder e dinheiro não é fruto da ignorância. Há pessoas que jogam e não têm dificuldades financeiras. A vontade de sentir o desafio é maior”, explica Eliane Maria Petry, assistente social que atua na recuperação de pacientes compulsivos.

Tratamento

Para evitar o retorno ao jogo, o paciente precisa admitir que é portador de uma doença sem cura, mas que pode ser controlada. O viciado não pode entrar em contato com dinheiro e deve delegar a responsabilidade

pelas finanças da casa à outra pessoa. Em alguns casos, a internação é necessária para manter o dependente longe dos jogos.

A fim de contribuir com a recuperação do jogador, a família não deve acobertar as dívidas de jogo que ele contrair. “Ele precisa reconhecer que esse é um caminho cheio de desvantagens”, ressalta Sarita.

No caso de Arnaldo, a internação não foi suficiente para livrá-lo do vício. Esse ano, trinta dias após uma tentativa, sofreu uma recaída e voltou a jogar. Atualmente, o aposentado está há três meses sem apostar graças à participação em um grupo de auto-ajuda para jogadores anônimos (veja box).

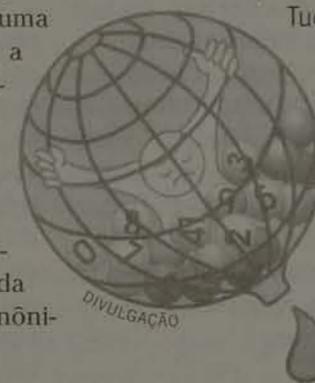
* nome fictício

auto-ajuda +

Jogadores buscam tratamento no JA

“Só por hoje, evitarei a primeira aposta”. É esse o lema do grupo Vida Nova, formado por Jogadores Anônimos de Florianópolis. Fundado há cinco anos, recebe, em média, 30 pessoas por reunião. Dívidas, problemas, família, trabalho, compulsividade, empréstimos e depressão.

Tudo é motivo de debate. Nas discussões, participantes trocam experiências e evitam a aproximação com o jogo. A meta é ficar longe do vício.



DIVULGAÇÃO



HENRIQUE SILVEIRA

Consumidores gastam por prazer e se arrependem na hora de pagar a conta

TATIANA LEME

“Você olha e... pá!” É assim que Bárbara* define a sensação que tinha, há cerca de sete anos, ao olhar para algum produto na vitrine. Quando um objeto saltava aos seus olhos, Bárbara não via outra saída a não ser adquiri-lo. Naquele tempo “negro”, ela sofria de oneomania, um desejo impulsivo de comprar.

A Psiquiatria classifica essa incapacidade do indivíduo em controlar a compulsão por compras como um transtorno de ansiedade. Já a Psicanálise, enxerga a oneomania como uma neurose característica da pós-modernidade, tão contemporânea quanto anorexia, bulimia, toxicomania (fracasso escolar).

Segundo a psicanalista Vanessa Riavz, as mudanças na sociedade, como o declínio do autoritarismo paterno, a perda da credibilidade nas autoridades em geral e o desenvolvimento acelerado da tecnologia e da ciência, embaralharam as

normas de comportamento e de valores. Para Vanessa, antigamente era admissível adiar o prazer, mas hoje não. Sem orientação suficiente, as pessoas passaram a buscar uma satisfação imediata de alguma forma, por exemplo, no ato de comprar.

Além da aquisição de objetos desnecessários, a falta de controle no consumo pode resultar no endividamento. No auge da sua oneomania, Bárbara escondia o que comprava e chegava a ter produtos com a etiqueta. “Você vai se enganando e acumulando dívidas”, resume.

Devedores Anônimos

Para solucionar a compulsão por compras e, por consequência, o endividamento, Bárbara e Maurício* fundaram o grupo de Devedores Anônimos (DA) de Florianópolis em abril deste ano. Essa irmandade tem o propósito de fazer com que seus membros desabafem e partilhem experiências, além de oferecer uma apostila para desintoxicação

financeira. Para Bárbara, o importante é conversar. “A dívida é do tamanho do seu segredo”, confessa.

Maurício considera essencial relacionar o dinheiro com emoção. “As pessoas criam preconceitos e não entendem que o ato de comprar se torna uma necessidade”, revela. Para quem sofre de oneomania, o dinheiro é como um entorpecente que serve para abafar um problema, aumentar a auto-estima ou se sentir aceito. Para eles, o mais difícil na recuperação é admitir que se têm a doença. O próximo passo é não contrair mais dívidas para, finalmente, quitar as que já possui.

Apesar de existir desde 1967 no Estados Unidos, o primeiro grupo de DA brasileiro foi criado 30 anos depois. O grupo de Florianópolis reúne-se todas as terças-feiras na Igreja São Luís, no bairro Agrônoma.

* nome fictício

ONEOMANIA Excesso de compras é um sintoma do consumo compulsivo

Escolha rica: poupe e ganhe um futuro

Professor Jurandir Macedo garante que o jovem que economizar 6% do que recebe em sua vida será uma pessoa rica

DAIANE FAGUNDES

Com o início da vida adulta começam os desejos e também os problemas de gente grande. Compra do carro, aluguel, supermercado, água, luz, a casa própria, a conta do bar. Entre sonhos de consumo, cheques, cartões de crédito e muitos boletos para pagar, vêm as perguntas: como economizar? Quando vou conseguir comprar tudo o que quero?

O professor de Finanças Pessoais, Jurandir Sell Macedo explica como viver bem agora e garantir um belo futuro, sem fórmulas mirabolantes ou esforços absurdos. Com informação, responsabilidade e a certeza de que cada investimento valerá a pena.

Jurandir é professor Doutor na área de Finanças Comportamentais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre em Engenharia Econômica, professor do Departamento de Contabilidade da UFSC. Atualmente, ministra a disciplina de Finanças Pessoais, a primeira em universidades brasileiras.

ZERO ■ Quais são os erros mais comuns na hora de fazer compras a prazo?

MACEDO ■ O crédito é um vício. A maior parte das pessoas é viciada no crédito. O que a gente tem que entender é que quando devemos alguma coisa, devemos para alguém. Por trás do banco têm pessoas, acionistas ou poupadores. Então quando você deve, você é o ativo de uma outra pessoa. Você é quase como um empregado de outra pessoa.

A idéia que está por trás da economia é a de que você vai maximizar a utilidade. Não se fala felicidade porque é uma coisa que não se consegue definir, então se fala utilidade. É a idéia de que a felicidade advém do consumo. Se a gente for olhar a felicidade, não é resultado do consumo. Seligman (professor de Psicologia da Universidade da Pensilvânia e autor do best-seller *O que você pode e o que não pode mudar*), que estuda muito felicidade, diz que ela é resultante de prazer, engajamento e significado. Se você souber ainda o que é prazer, o dinheiro consegue ser eficiente para resolver. Agora a idéia de pertencimento, de amar e ser amado, tanto o amor romântico quanto o amor fraternal, parece que o dinheiro é muito forte para isso, mas não é. As pessoas pensam que podem pertencer e serem amadas por aquilo que têm.

ZERO ■ O problema do dinheiro é uma questão cultural?

MACEDO ■ O dinheiro é um grande tabu na nossa sociedade. Ninguém fala de dinheiro. Muitos alunos dizem assim: "sempre que falei de dinheiro em

casa era briga". Não é educado você chegar a um grupo de amigos e falar sobre dinheiro, se você está bem, não pega bem você dizer e se você está mal, também não pega bem contar que está mal. Quem entende o fluxo financeiro consegue viver muito melhor. Se você consegue fazer uma boa poupança, começa cada vez a trabalhar menos porque tem alguém trabalhando para ti. Você vai ter um monte de empregados, que são aqueles devedores, que vão estar se matando para pagar juros para você. Entender isso é fundamental.

ZERO ■ Na prática, encontramos muitas facilidades para comprar. O que as pessoas devem evitar nessa hora?

MACEDO ■ O crédito é muito sedutor. Está aí pronto para você usar. Vamos supor que você ganhe R\$ 1 mil reais. Com todo esse acesso ao crédito, você consegue gastar R\$ 1.200. E você vai tendo crédito durante dois, três anos. Quando acabar esse período e estiver devendo uns seis meses de salário, vai começar a pagar os juros. Às vezes você passa o resto da sua vida trabalhando uns três dias por mês para pagar esses juros. Então, o que as pessoas precisam fazer é ter o dinheiro antes e depois barganhar: "estou te pagando à vista, quero um

“ Eu sempre digo que você precisa olhar mais o ser e um pouquinho menos o ter. Você não precisa vender a tua vida para pagar um carro.”

desconto". Determinadas lojas não te dão desconto. Mas se você estiver disposto a procurar outros lugares, vai achar. A melhor receita ainda é guardar o dinheiro e comprar à vista.

ZERO ■ O brasileiro ainda sonha muito com a casa própria, um carro. Nestes casos, esperar até ter todo o dinheiro é mais complicado. O que fazer então?

MACEDO ■ A idéia de comprar uma casa está muito ligada a nossa cultura e acho muito positivo que você compre a sua casa. Para a maior parte das pessoas, a casa ainda é um grande desejo. Qual é o erro que muitos jovens cometem? Eles já querem comprar a casa muito maior do que precisam. Na hora que eles pensam em casar, começar imaginar "ah, mas vai vir o Júnior. E se a minha mãe vir me visitar?". E de repente ele está lá em um apartamento de três quartos pagando um juro muito elevado. O que digo para as pessoas é que esperem um pouco mais para fazer a compra do primeiro imóvel.

ZERO ■ E quanto ao carro?

MACEDO ■ O carro é um problema



HENRIQUE SILVEIRA

sério. Porque o carro é uma forma de você demonstrar seu sucesso. Então as pessoas adoram. As pessoas gastam muito mais do que deveriam com carro. O ideal é que você tenha um carro mais simples no começo da sua vida para não se endividar. Tentar fugir um pouquinho dessa idéia de que o carro vai te dar status. Nós estamos em uma sociedade que valoriza demais o ter em detrimento do ser. Eu sempre digo que você precisa olhar mais o ser e um pouquinho menos o ter. Você não precisa vender a tua vida para pagar um carro. O padrão é de 20% a 30% (do salário) para pagar um carro. É muito, não?

ZERO ■ As pessoas conseguem racionalizar o quanto elas gastam?

MACEDO ■ A gente diz que dinheiro pode não trazer felicidade, mas a falta de dinheiro traz a infelicidade. Muitos jovens já vêm percebendo isso e querem poupar. Poupar é fazer sobrar dinheiro no final do mês. Só in-

“ A gente costuma dizer que tempo é dinheiro, mas tempo é vida. Para você ganhar dinheiro, você precisa vender uma parte da sua vida. Quando você desperdiça dinheiro está desperdiçando a tua vida.”

veste quem poupa, senão não dá para investir. Tento mostrar que poupar não é estragar a sua vida, é poupar naquilo que você desperdiça. A gente costuma dizer que tempo é dinheiro, mas tempo é vida. Para você ganhar dinheiro, você precisa vender uma

parte da sua vida. Quando você desperdiça dinheiro está desperdiçando a tua vida. Sempre que você gasta em alguma coisa que não te traz prazer suficiente você já está desperdiçando, é o caso do juro. Eu digo assim: vamos tirar o desperdício, tirar aquilo que não traz retorno e vamos poupar isso aqui. Isso é muito legal para um jovem porque se ele conseguir poupar 6% do que ganha ao longo de toda a sua vida, ele vai ser uma pessoa rica, com certeza. Começar a pensar no seu futuro com 20 anos é como uma 'caminhada no parque'. Pensar dos 30 aos 45 já é um trekking forçado e dos 45 para frente é uma escalada.

ZERO ■ Como pensar na aposentadoria? Vale a pena investir em previdência privada?

MACEDO ■ Não necessariamente nos planos de previdência privada que são vendidos. A gente diz que para muitos jovens o melhor é ele mesmo fazer a sua reserva financeira. Fazer ele mesmo o que a gente chama de previdência particular investindo em títulos públicos e em ações. Os jovens de hoje nasceram em famílias pequenas e os seus pais, de uma maneira geral, não se prepararam adequadamente para a aposentadoria. Possivelmente, muitos jovens vão ter uma carga adicional, quando já forem velhos, vão ter ainda que cuidar de outros mais velhos. Se você quiser sobreviver com dignidade depois da sua aposentadoria, vai ter que começar a se preparar agora. Parece uma coisa difícil, mas a gente demonstra que criar uma carteira de títulos públicos ou de ações é uma coisa extremamente simples. Se você não tem nem um tempinho para cuidar do teu dinheiro, o teu dinheiro vai embora, vai buscar alguém que tenha um tempo para ele.

Atletas da capital pedem mais apoio

Esportistas reclamam da prefeitura de Florianópolis e competem por cidades que oferecem mais recursos financeiros

TICIANI AGUIAR

Falta de incentivo. É assim que os esportistas de Florianópolis definem a atuação da Fundação Municipal de Esportes (FME). Ela também é o motivo para atletas da ilha disputarem competições estaduais por outras cidades. Na 46ª edição dos Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC), que aconteceu entre os dias 2 e 11 de novembro, em Joaçaba, Luzerna e Herval D'Oeste, a judoca Nathasha Daberkow Vieira disputou o campeonato por Joinville, sua terra natal. "Lá os salários são maiores e sempre em dia, o que não acontece aqui em Floripa." A atleta recebe uma ajuda de custo de R\$ 200, mas conta que alguns colegas recebem até R\$ 700.

A judoca disputa o JASC há nove anos. Nas três primeiras vezes representou Joinville, onde morava na época. Quando veio para Florianópolis, passou a lutar pela capital. Mas, pela

falta de apoio, aceitou a proposta e voltou a competir pela terra natal. Na última edição dos jogos, a judoca conquistou a medalha de bronze na categoria meio médio (até 63kg), ajudando a classificar a equipe da cidade em sétimo lugar.

O namorado de Nathasha, o também judoca William Jacques, de 29 anos, compete no JASC pela capital desde 1995. O atleta recebia uma bolsa auxílio da prefeitura, que foi cortada na atual gestão. "A administração da FME está acabando com o esporte em Florianópolis", critica.

E a história não pára por aí. A falta de apoio se repetiu com a equipe de atletismo da UFSC, que acabou competindo

por Criciúma. O treinador Deraldo Oppa explica que aceitou o convite da cidade do sul do estado porque ela ofereceu as condições mínimas para os

de 1997, que premia os atletas medalhistas com uma bolsa de estudos para o semestre seguinte, em qualquer instituição do município. "Isso é um incentivo. Não quero formar campeões só no esporte, espero que também sejam campeões na vida.", explica Deraldo. Em Joaçaba, a expectativa do treinador não era vencer, mas pelo menos incomodar. Conseguiu. Os três atletas treinados por ele foram finalistas nas provas que disputaram;

e uma das meninas, Liz Meneghelo de Abreu, conquistou a medalha de prata no revezamento 4X400 m.

Em resposta às reclamações dos atletas, o presidente da Fundação Municipal de Esportes, Antonio Carlos Gouveia,

o Carlão, capitão da seleção masculina medalha de ouro na Olimpíada de 1992, é enfático. "A FME não é um clube, não temos atletas. Nossa função é criar políticas de promoção do esporte em Florianópolis."

Para representar a capital nos Jogos Abertos, a Fundação faz convênios com clubes que já possuem equipes e estrutura. A FME repassa o dinheiro para os parceiros, que definem seu destino. São gastos cerca de R\$1,3 milhão anuais com os convênios de todas modalidades. Nos JASC de Joaçaba, Florianópolis terminou em segundo lugar geral, com 160 pontos. Blumenau foi o campeão, com 269.

O objetivo da FME é apoiar as categorias de base. Para equipes dos Jogos Abertos, com atletas até 17 anos, são destinados cerca de R\$ 170 mil, em convênios firmados com os técnicos. Carlão quer, a partir do ano que vem, dobrar o valor.



LEI Medalhistas de Criciúma recebem bolsa de estudo da prefeitura

atletas treinarem: alimentação, transporte, assistência médica e uma ajuda de custo mensal. Um cálculo aproximado de R\$ 500 por esportista.

Além de oferecer subsídios, Criciúma conta com a Lei Municipal 3448, de 10 de setembro

o custo do triathlon



NATAÇÃO:

- sunga
- roupa de borracha
- touca
- óculos de natação.

CUSTO: R\$ 2,6 mil anuais

CICLISMO:

- * investimento inicial:
- 3 bicicletas

CUSTO: R\$ 45 mil

- * manutenção
- capacete
- sapatilha
- óculos de proteção

CUSTO: R\$ 4,8 mil anuais



CORRIDA:

- boné
- tênis
- óculos de proteção

CUSTO R\$ 2,1 mil anuais



Triatleta investe pesado ano todo para competir em grandes provas

AUGUSTO KÖECH

A descoberta de que estava com câncer, em 2003, mudou a vida de um dos atletas de maior destaque em Santa Catarina. Em busca de saúde para largar os cinco maços de cigarros diários, Mário Petrelli, 43 anos, encontrou no triathlon uma nova forma de qualidade de vida, superação e realização pessoal. "Esporte sempre fez parte do meu dia-dia, porém, quando percebi o quão frágil pode ser nosso tempo ao lado de quem gostamos, mudei o foco e os valores de como e onde praticar esporte", reflete o triatleta. Entrar para o universo do triathlon, entretanto, não foi fácil. Era preciso bastante dinheiro para se profissionalizar e alcançar objetivos em provas maiores e fora de Santa Catarina.

Foi quando decidiu ampliar os objetivos. Junto com o projeto pessoal, o triatleta resolveu montar a Equipe Racer de Triathlon (hoje com mais

de 40 alunos, de crianças a idosos) e procurar patrocínio para toda a equipe. "Não é fácil convencer uma empresa, seja ela qual for, de que vale a pena patrocinar todos de uma equipe. Elas preferem investir em atletas separadamente por ser mais barato", explica.

Embora Petrelli tenha parte dos gastos financiados por patrocinadores, a maioria deles vem do seu próprio bolso: suplementos alimentares, equipamentos para treinos, inscrições e locomoção em campeonatos que resultam em um gasto médio de R\$ 1,5 mil por mês, chegando a gastar quase R\$ 20 mil por ano.

Só de suplementos, entre carboidratos, vitaminas e sais minerais, Petrelli desembolsa R\$ 650 por mês, além dos R\$ 10,2 mil gastos anualmente em objetos usados nas competições (veja infográfico). E mais: só nas três bicicletas usadas em treinos e competições, ele investiu R\$ 45 mil, com uma manutenção anual de R\$ 4,3 mil reais. Somam-se

a esses gastos as aulas de pilates e massagem, num total de R\$ 400 mensal – a musculação é patrocínio – e cerca de R\$ 700 para cada competição, entre inscrição e locomoção. "Isso quando a prova é no Estado. Caso contrário, os gastos dobram ou triplicam", explica.

Para Petrelli, embora seja um esporte relativamente caro, é possível praticar triathlon sem gastar tanto. "Desembolso tanto dinheiro porque participo de muitas competições, em todas as modalidades. Diminuindo o número de provas, suplementos e objetos para as competições, os gastos são menores e fica mais acessível", conclui Petrelli, considerado o triatleta que mais competiu em 2005 e 2006 em Santa Catarina, com quase 35 provas. A última competição de que participou foi a etapa final do Xterra no Hawaii, a mais rigorosa prova de triathlon realizada em trilhas, no dia 29 de outubro deste ano. Petrelli ficou com a 50ª colocação na categoria masculina 40-44.

Fiquei mais pobre sem gastar nada

MARINA GAZZONI

Saí de casa sem dinheiro. Pensei em sacar na agência bancária, mas me desanimei com o tamanho da fila no caixa eletrônico. Será que eu conseguiria passar o dia com a carteira vazia? Qualquer coisa eu vendia um passe do RU ou cobrava aqueles R\$10 que emprestei para a minha amiga na semana passada. Não precisou.

Dentro do ônibus, descontei o valor da passagem na carteirinha de passe rápido. Na hora do almoço, fui salva por um tíquete do Restaurante Universitário. Olhei para uma vitrine, duas coisas me atraíram: sapatos novos e o adesivo "Visa Electron". Imediatamente esqueci meus planos de economizar. Quando digitei a senha do cartão, não vi saírem R\$ 80 da minha conta corrente.

Anoiteceu. Senti fome. Passei no supermercado. Pão, leite, queijo, sabonete, congelados. Quanta coisa na promoção! Além do dinheiro, a lista de compras ficou em casa, então coloquei no carrinho tudo que estivesse "em conta". No final, o barato saiu caro. Munida do meu cartão vale-alimentação, levei pra casa muito mais do que a janta.

Cheguei cheia de sacolas e lembrei que saí sem dinheiro. "Não gastei nada", concluí imediatamente. Olhei para as compras, peguei papel e caneta e fiz os cálculos. O gasto foi bem maior do que estipulei na minha planilha de custos, em que separo quanto vou gastar em alimentação, transportes, roupas e lazer, além da média de quantos reais uso por dia.

"Não é possível". Era. Saí de casa sem dinheiro e voltei mais pobre. Apesar da praticidade dos sistemas de pagamento que não utilizam notas de real eles me fazem perder as contas e gastar mais do que posso. Soltar um cheque, pagar no cartão, quitar um boleto ou comprar via internet não tem o mesmo efeito que o pagamento in cash.

Com cheque é só assinar, com cartão basta digitar a senha e pronto. O dinheiro saiu discretamente da conta corrente. Mas entregar as verdinhas para o comerciante dói. Contar cada Real, visualizar as notas e pesar se o produto a ser adquirido vale todas elas. Diferente dos outros pagamentos, com o dinheiro o tamanho do desfalque está na cara.

Não só o desfalque. Tudo ficaria mais claro em dinheiro vivo. Afinal, nada mais subjetivo que um extrato bancário, cheio de números para representar créditos e débitos e com uma conclusão final: o saldo disponível. Se recebêssemos o salário em notas de dez, talvez fosse mais fácil controlar os gastos do que administrar um número que "aparece" na conta corrente no quinto dia útil do mês.

Além de controlar melhor os gastos, acho que teria mais um aspecto positivo em receber o salário em dinheiro. Contar cada centavo recebido como recompensa pelo trabalho duro deve ser gratificante. Tomei uma decisão: vou sacar todo o meu salário no começo do mês! Gastar eu vou de qualquer forma, seja por transações bancárias ou em notinhas de dez. Mas tem uma diferença. Mesmo com a conta zerada, me sentirei mais rica com dinheiro na carteira.



ÉRICA GEORGINO



ÉRICA GEORGINO



LUCAS SAMPAIO



LUCAS SAMPAIO



LUCAS SAMPAIO